

ASSIGNATURAS
 ANNO .. 20\$000
 SEMESTRE... 12\$000

 Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)
 OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Será possível que o benemerito Prefeito desça das alturas, aonde ascendeu glorificado pela opinião publica, para se chafurdar na vasa da politicagem? Será possível que esse homem de energia excepcional tenha cansado de ser grande e se encôlha para se nivelar á craveira commum dos fabricantes de intendentes?

Essa duvida tristonha pôz de promptidão todos os nossos sentimentos de admiração affectuosa. E pensámos em alguma diabolica influencia, infeccionando-a de caduquice, como fazia Jupiter áquelles que queria desgraçar, tenha virado a cabeça veneranda, onde se geraram tantas idéas patrioticas, tantos planos de aformoseamento da cidade, de conforto aos cidadãos e uma serie de medidas de saneamento moral e physico da administração municipal, completamente restabelecida nos seus creditos e nos seus beneficos resultados.

Justifica-se esse formidavel erro pela necessidade de organizar um Conselho de Intendencia, afinado pelo Prefeito, para evitar dissomancias e o escandaloso espectáculo dos desvarios desse, que deveria sair expurgado dos velhos vícios dos anteriores, e saiu peor que a encomenda, desilludindo as esperanças solidamente fundadas em um novo processo de depuração do eleito.

Está demonstrado com lastimosa exuberancia que, nisso de réformas eleitoeas, precauções são inuteis: reformam-se as fechaduras; inventam-se novas gazúas.

De resto, as chapas officiaes sempre provaram mal, porque não são forjadas com a integridade do voto, que já se figura uma aspiração arredada, definitivamente, da raia das coisas, possíveis ou verosimeis.

Mas, é indispensavel arranjar um Conselho destinado, menos ao governo do municipio, que ás manobras eleitoeas, em futuro proximo, nas quaes elle vae ter uma função importante como peça essencial do machinismo da politica do Districto Federal.

Dahi, esse sacrificio da quebra de uma norma de conducta, que era o

traço mais lumiuzo da personalidade do Prefeito — a sua fecunda independencia pela isenção dos compromissos que a politicagem impõe ás suas victimas.

O Prefeito sabe que o segredo do milagre, operado pelo seu governo, foi devido, exclusivamente, á sobranceiria com que varreu dos seus dominios a influencia dos politiqueiros.

Como é que, não obstante essa experiencia, rica de lições proveitosas, vae se privar desse precioso elemento de força, da aureola do seu prestigio; com a infantilidade de Sansão, deixando na ebriedade de um momento de gozo ephemero, lhe cortarem os cabellos?

* *

O boato atterrador não surdiu da concha do mysterio; mas não ha duvida que elle andou a fazer das suas. De outro modo se não explicam a promptidão das forças de mar e terra e outras medidas de medo, que é máu conselheiro.

Dar-se-á que essas precauções bellicas corram por conta da vaccina obrigatoria, que está passando para o rol das coisas esquecidas?

EXTERIOR

OS NOSSOS VISINHOS

O Estado Oriental festejou com extraordinarias manifestações de legitimo jubilo, a terminação da guerra civil, desta vez definitivamente, pela redução dos ultimos caudillos recalcitrantes.

Sobraçando ramos de oliveira, volvem aos campos, aos rebanhos, ás charqueadas e aos lares enlutados, os cidadãos desviados pela paixão partidaria; abandonam as armas maculadas de sangue fraterno para, na suave serenidade da paz, curarem feridas, restaurarem as ruinas que marcam a passagem do pampeiro revolucionario.

Essas perturbações, condemnaveis por seus processos violentos, são, ás vezes, reacções irrepressiveis e justas dos opprimidos, soluções de continuidade abertas na ordem pela força de expansão de direitos conculcados pela tyrannia dos dominadores.

Não é opportuno fazer a critica do movimento de rebeldia soffocada ou extincta. Devemos juntar os nossos foguetes aos hymnos do povo oriental; congratularmo-nos com elle por esse feito venturoso que nos traz tambem socego. Vae nisso a pontinha de egoismo de quem vê com satisfação apagado o incendio nas barbas do visinho, cessando as ameaças de contagio do exemplo.

Esses repiquêtes de revolta corriam, anti-gamente, por conta da nossa curiosa politica no Rio da Prata. Não se sabe porque, nem com que vantagens reaes, nos davamos ao dispendioso luxo de ter um partido na Banda Oriental.

Temos, agora, a prova positiva dessa extravagancia, ou chegaremos á edificante conclusão de que revoluções não médram alli sem a criminosa cúmplicidade, que tem na fronteira os seus valhacoutos para a politica e para o contrabando.

Desta vez, á nossa politica internacional, com um correctissimo proceder, resgatou velhos peccados; o exercito nacional pôz embargos ás ligeiras dos passes e repasses, e a revolução ficou de pernas quebradas, privada do seu essencial elemento de vida. Não lhe valeram os auxilios secretos, attribuidos pela protervia internacional a outra nação amiga, tambem inculpada de manobras sympathicas aos revolucionarios do Paraguay, onde, ha bem pouco, nós mettemos em intriguinhas de visulhança, cujas consequencias remotas talvez não sejam estranhas aos tristes acontecimentos de hoje.

E' agradavel registrar que cessaram os receios ao sul. O presidente Quintana occupou a curul do general Roca saúdado pela sua nação, cheia de esperanças. Deus o inspire para rasgar, amplas e boas, as valvulas de segurança do pensamento das, garantias individuaes e do direito de votar, que por lá, como por cá, anda numa crise miseravel.

NOS ANTIPODAS

Mais uma derrota de Kuropatkine, uma trenenda decepção para os que acreditaram que a offensiva seria o inicio da execução de um plano pacientemente aparelhado na sangrenta serie de retiradas continuas e desastrosas, cuja explicação não satisfazia aos ardentes amigos da Santa Russia.

Desta feita, Kuropatkine estava superior em numero, dispondo de tropas para esmagar os estropiados soldados de Oku, Nodzu e Kuroki, ainda extenuados do formidavel encontro de Liao-Yang, reputado a maior carnificina dos tempos modernos. Mas, a formidavel iniciativa se esboroou em derrota mais consideravel que as precedentes, com um desfalque de cerca de 40.000 homens fóra de combate.

Não conhecemos ainda a verdadeira extensão do desastre. A sobriedade das noticias de Tokio, as partes officiaes do general Sakharoff, que parece um contador de historias para amenisar a impressão da verdade, não nos fornecem elementos seguros para um juizo exacto sobre a ultima operação. Não ha duvida, porém, que a batalha campal se transformou em ferozes escaramuças que protegem a retirada de Kuropatkine, acossado a oeste por Oku e Nodzu, ao passo que, num desespero homerico, os

russos, a leste procuram embarçar a avançada de Kuroki, contendo-o nas margens do Cha-ho.

E, como tudo se justifica, despontam explicações mais ou menos absurdas — de um lado, Kuropatkine se sacrificou obedecendo ás ordens directas do Czar, impaciado pela fortuna adversa das suas armas; de outro lado, a offensiva foi uma indicação do desespero de effectuar, com vantagem, a retirada até Karbine.

Qualquer que seja o desenlace dessa tragedia deshumana, fica em esplendida evidencia uma proveitosa lição, que o Bom Homem Ricardo ensinaria ha um seculo — um homem que sabe o seu officio vale por dez. E' este o segredo da invencivel superioridade do soldadinho amarello.

POJUCAN

HENRI HEINE

(TH. GAUTIER)

A ultima vez que vi Henri Heine foi algumas semanas antes da sua morte. Eu devia escrever uma rapida noticia para a reimpressão das suas obras. Jazia elle sobre o leito onde o retinha essa indisposição, ligeira no pensar dos medicos, mas que não lhe permittia levantar-se, havia oito annos. Assim, como elle proprio dizia, se tinha sempre certeza de o encontrar em casa. No entanto, pouco a pouco, a solidão se fez em torno a si. Por isso, um dia em que Berlioz o foi visitar, recebeu-o dizendo: «Vires vêr-me, tu! Sempre original!» Não era que o amassem e admirassem menos, mas o torvelinho da vida é assim mesmo: na desventura desvia os corações os mais fiéis. Só então a Mãe e a Esposa não nos abandonam, ainda na mais persistente agonia. Os olhos humanos não podem contemplar por muito tempo, sem se desviarem, o espectáculo da dôr. As Deusas mesmo se fatigam, e as tres mil Oceanides que vinham, todas as manhãs, consolar Prometheu sobre a sua cruz do Caucaso, se retiravam sempre pela tarde.

Logo que a minha vista se afez á penumbra que o cercava, sob a luz de um dia brilhante ferindo o seu olhar quasi extincto, distingui uma poltrona junto á sua cama de enfermo e ahí me accomodei. O poeta me estendeu com esforço uma pequenina mão doce, esguia, mate-branco como uma hostia, uma mão de doente subtrahida á influencia do grande ar, e que nada tocava, nem mesmo a penna, desde muitos annos. Jamais os rijos ossos da Morte se acharam enlavados numa pelle tão fina e suave, tão setinosa e polida. A febre, apesar da fraqueza, dava-lhe algum calor. No entanto, ao seu contacto, experimentei um ligeiro arrepio, como se tivesse tocado a mão de um ser que não pertencia mais á terra.

Com a outra mão, para me vêr, levantou a palpebra paralyzada da vista

que, nelle, conservava uma vaga e confusa percepção dos objectos e lhe deixava distinguir ainda um raio de sol como através de uma gaze negra. Depois de trocadas algumas phrases, quando soube do motivo da minha visita, disse-me: «Não te apiades muito de mim. O retrato da *Revue des Deux Mondes*, que me representa emaciado, com a cabeça pendente como um Christo de Morales, já muito abalou em meu favor a sensibilidade das boas almas. Eu não amo os retratos que se parecem: o meu desejo é ser representado bello como as lindas mulheres. Conheceste-me quando eu era ainda joven e são: substitue, pois, por minha antiga imagem essa effigie piedosa.»

Effectivamente o Henri Heine a quem eu fôra apresentado em 183. pouco tempo depois da sua chegada a Pariz, não se parecia quasi com aquelle que eu via, agora, estendido diante de meus olhos, immovel como um corpo que espera apenas o deitem num caixão.

Era então um bello moço de trinta e cinco a trinta e seis annos, com a apparencia de uma robusta saude. Ao contemplar-se a sua alta fronte, clara como um bloco de marmore, emmoldurada em abundante massa de cabellos louros, dir-se-hia um Apollo germanico. Seus olhos azues scintillavam de graça e inspiração. Suas faces redondas, cheias, de um contorno elegante, não eram sombreadas pela lividez romantica tão em moda nessa época: ao contrario, as rosas vermelhas desabrochavam nellas classicamente. Uma ligeira curva hebraica modificava, sem lhe alterar a pureza, a intenção que tivera o seu nariz de ser grego. Seus labios bem feitos, «unidos como duas bellas rimas», para me servir de uma das suas phrases, guardavam, quando em silencio, uma expressão encantadora. Mas quando Heine fallava, da sua curva rosada partiam, siflando, settas agudas e farpadas, dardos sarcasticos que nunca erravam o seu alvo, porque ninguem como elle foi tão impiedoso e cruel para com a tolice humana. Tinha o sorriso divino de Musagete, a que succedia sempre a ironia do satyro.

Uma leve robustez pagã, que devia expiar mais tarde uma magreza toda christã, arredondava o seu talhe. Não usava nem barba, nem bigode, nem costelletas: não fumava, nem bebia cerveja: e, como Goethe, tinha horror a essas tres cousas. Achava-se então em todo o seu fervor hegeliano. Não acreditava que Deus se tivesse feito homem, mas admittia, sem difficuldade, que o homem se tivesse feito Deus. Era essa a sua maneira de pensar. Mas deixemos que elle proprio conte essa esplendida embriaguez intellectual.

«Eu mesmo era a iel viva da Moral: era impeccavel, era a pureza encarnada. As Magdalenas mais compromettidas ficavam purificadas ás chamas dos meus ardores e se faziam outra vez virgens entre meus braços. Estas restaurações de virgindade fallharam algumas vezes, é verdade, e exgotaram minhas forças omnipotentes. Eu era todo amor, e, por isso, todo isento de odios. Jamais me vingava dos meus inimigos, porque não admittia enfrentassem a minha divina pessoa. Tolerava apenas os infieis, porque o mal que me faziam não passava de um sacrilegio, assim como as injurias que me atiravam não eram mais que outras tantas blasphemias. Entretanto, de tempos a tempos, forçavam-me a castigar taes impiedades, mas era isso um castigo divino para o peccador e não uma vingança de rancor humano. Não conheci amigos, mas fieis, crentes, e eu lhes fazia todo o bem. No entanto as despesas de representação de um Deus que não tem methodo em ser galante e não dirige convenientemente a sua bolsa nem o seu corpo, são enormes. Para desempenhar esse soberbo papel é necessario, antes de tudo, ser rico de muito dinheiro e de muita saude. Ora, uma bella manhã dos fins de fevereiro de 1848, essas duas cousas me abandonaram e minha divindade foi de tal modo abalada que se despedaçou miseravelmente.»

Eu vi muito Heine nesse periodo divino. Era um deus encantador — maligno como um demonio! — e tão bom quanto se podia desejar. Que elle me considerasse como seu amigo ou como seu crente, isso pouco me importava, com tanto que me fosse dado gosar da sua brilhante conversação, pois se elle era prodigo do seu dinheiro e da sua saude, não o era menos do seu talento. Sabia muito bem o francez, mas, algumas vezes, divertia-se em dissimular suas satyras sob uma forte pronuncia allemã, que exigia, para ser reproduzida, as estranhas onomatopéas pelas quaes Balzac figura, na sua *Comédie Humaine*, as phrases extravagantes do barão de Nucingen. O effeito era então irresistivel: era Aristophanes fallando com a pratica de Eulenspiegel.

Ao seu lyrismo se misturava uma especie de força e alegria, e se o luar allemão prateava um dos lados da sua physionomia, o alacre sol de França dourava deliciosamente o outro. Nenhum escriptor como elle, teve, ao mesmo tempo, tanta poesia e tanta profundeza — duas cousas que geralmente se destroem. Quanto á sensibilidade nervosa que faz o encanto do *Intermezzo*, do *Tambor Legrand*, dos *Banhos de Lucca* e de tantas paginas dos *Reisebilder*, elle a occultava na vida commum com singular pudor,

reprimindo opportunamente, por uma palavra subtil e bella, a lagrima que houvesse derramado.

A sua toilette, embora não tivesse nenhuma intenção de dandysmo, era mais cuidada do que costuma ser commumente a dos litteratos, onde sempre certa negligencia desfaz as velleidades do luxo. Os diversos aposentos que habitou não tinham o que se chama hoje «cunho artistico», isto é, não se achavam atravancados de *buffets* esculpidos, quadros, estatuetas e outras curiosidades de *bric-à-brac*: apresentavam, ao contrario, um conforto burguez, onde era manifesta a vontade de evitar o excentrico. Um bello retrato de mulher, pintado por Lamlein e representando a Julieta de que falla o poeta no preludio de *Atta-Troll*, era o unico objecto de arte que me lembra ter visto alli.

Desde que o poeta, para restaurar sua divindade, que começava a decahir um pouco, partiu para a estação de banhos de Cauteretz, onde compoz o singular poema que tem por heróe um urso, misturando a poesia mais ideal aos caprichos mais grotescos—eu o perdi de vista por algum tempo.

Uma manhã, porém, vieram dizer-me que um estrangeiro desejava falar-me. O criado citou-me o nome, mas de tal modo desfigurado que o não pude comprehender. Desci, entretanto, á sala de visitas, e ahí esbarrei com um homem muito magro cujo rosto, lembrando o de Gericault, rematava por uma barba pontuda e loura, entremeiada de abundantes fios de prata.

Por momentos, procurei recordar-me do nome desse hospede matinal, que me saudava tão familiarmente pelo meu appellido litterario e que me estendia a mão com a franca cordialidade de um velho camarada. Não consegui, entretanto, ligar o nome áquella pessoa que, se eu de facto conhecia, se achava por certo bem mudada. Mas ao fim de alguns minutos de conversação, a um traço de espirito do desconhecido, exclamei commigo mesmo: «Este é o diabo ou Heine». Era Heine com effeito, de Deus tornado homem.

Alguns mezes depois, Henri Heine cahia prostrado no leito para nunca mais se erguer: oito annos assim permaneceu, pregado á cruz da Paralysis pelos cravos do Soffrimento.

Durante essa longa agonia deu-se nelle o phenomeno da alma vivendo sem o corpo, do espirito abandonado da materia: a doença, seccando-o pela fraqueza, dissecava-o a seu gosto, e na estatua do Deus Grego modelava, com a paciencia meticulosa de um artista da Idade-Média, um Christo descarnado até ao esqueletò, onde os nervos, os tendões e as veias se salientavam com nitidez. Mas, mesmo assim despojado, elle era bello ainda. E quando

levantava a palpebra entorpecida, uma faisca saltava da sua pupilla quasi cega: o genio reanimava a sua face morta e Lazaro resurgia do seu tumulo por alguns minutos. Esse espectro que se assemelhava, nos seus lençóes, a uma effigie funebre deitada sobre um monumento, tinha então uma vóz para conversar, para rir, para lançar as mais finas ironias, para dictar paginas ineffaveis, para dar vóo a estrophes divinas: e nos dias em que a pedra de seu tumulo lhe esmagava mais duramente os rins, essa vóz sabia gemer lamentações tão expressivas como as de Job no seu incomparavel infortunio. Em tal estado os seus amigos quasi deviam desejar que essa atroz tortura tivesse um fim e que o invisivel carasco dêsse o gólpe de misericordia no pobre suppliciado. Mas sentir que se apagou para sempre esse cerebro luminoso, formado de raios e idéas de onde as imagens sahiam zumbindo como abelhas de ouro, é um facto que se não aceita sem revolta. E' verdade que, ha muito, elle estava pregado vivo no seu ataúde, mas, aproximando-se o ouvido, sentia-se a Poesia cantar sob a mortalha negra. Que pezar de vér um desses microcosmos mais vastos que o Universo e contido na estreita abobada de um craneo, despedaçado, perdido, aniquilado para sempre! Que lentas combinações não serão precisas á Natureza para formar uma cabeça igual!

Henri Heine nasceu a 1 de janeiro de 1801, o que lhe fazia dizer, gracejando, que era o primeiro homem do seculo. Toffer nota o inconveniente que ha, logo que se começa a envelhecer, em revelar-se a idade, sobretudo quando se nasce num milesimo de seculo que nos arrastará perpetuamente consigo. Henri Heine deixou o seu companheiro aos 56 annos de existencia.

Foi por um dia frio, pardacento, brumoso. A hora marcada para o enterro era matinal. Alguns raros amigos e admiradores passeavam em frente á casa mortuaria, aguardando a sahida do féretro. O poeta, momentos antes de expirar, declarara que não queria nenhuma pompa, nenhum ceremonial, pois se julgava morto desde muito e desejava que o pouco que lhe restava fosse levado em silencio do quarto que habitava e que não devia deixar senão para o tumulo.

A' vista do ataúde, muito amplo, muito longo, muito pesado, onde o delicado despojo se achava deitado mais á vontade que no seu proprio leito, involuntariamente me veio á lembrança esta passagem do *Intermezzo*: «Ide buscar um caixão de taboas sólidas e espessas, e que seja maior do que a ponte de Mayença. Trazei-me doze gigantes mais fortes que o membrudo S. Christovão do zimbório de Colonia,

sobre o Rheno: e que elles conduzam o feretro e o atirem ao Mar, porque um grande feretro precisa de uma grande cova. E sabeis porque desejo um tão grande caixão? E' para levar commigo, juntamente, os meus soffrimentos e os meus sonhos.»

O féretro não foi tão grande como o desejára o poeta, nem foi tambem depositado no Mar, mas simplesmente numa cova provisoria, em presença de um pequeno numero de poetas e artistas francezes e allemães, que ahí o cercavam respeitosa e sabendo que assistiam aos funeraes de um Rei do espirito, embora não tivesse um longo cortejo, nem musica funebre, nem tambores velados, nem bandeiras constelladas de Ordens, nem discursos emphaticos, nem tripodes coroadas de chammias verdes. Fechara a cova, cada um desceu a triste colina e se perdeu de novo no immenso formigueiro da vida humana.

Poucos poetas nos commoveram e emocionaram tanto como Heine. E' verdade que não sabemos o allemão e não o admiramos senão através das traducções. Mas que homem não devia ter sido aquelle que, apezar de despido do poder do rhythmo, da rima, do feliz arranjo das palavras, de tudo emfim que constitue o estylo, produziu effeitos tão magicos! Heine é o maior lyrico da Allemanha, e se colloca naturalmente ao lado de Gæthe e de Schiller, tão grande se nos afigura, embora a poesia traduzida em prosa não seja mais que um tenue luar, como elle proprio dizia.

Jamais um temperamento foi composto de elementos tão diversos como o de Heine: elle era ao mesmo tempo alegre e triste, sceptico e crente, terno e cruel, sentimental e satyrico, classico e romantico, allemão e francez, delicado e cynico, impetuoso e frio, tudo, tudo., excepto um entediado. A' plastica grega a mais pura, juntava o sentimento moderno mais original: era verdadeiramente Euphorion, filho de Fausto e da bella Helena.

Não é aqui o logar mais apropriado para tratar da sua obra, que viverá por si, mas della vou procurar dar uma ligeira impressão. Quando se abre um volume de Heine parece entrar-se num desses jardins que elle descreve com amor: as Esphinges de marmore da escadaria alongam suas garras sobre o angulo dos pedestaes e nos fitam com os seus olhos brancos, de uma fixidez inquietante; frémios percorrem-lhe a juba leonina e sua garganta de mulher palpita como se um coração batesse sob o contorno rigido. As portas gemem rodando nos gonzos enferrujados e acredita-se vér uma préga de vestido desaparecendo sob uma arcaria ogival, como se a alma da Solidão fugisse, surprehendida pela nossa presença. O musgo, a ortiga, a

bardana nascem no terraço, entre as abertas dos ladrilhos desconjuntados e os ulmeiros frondosos procuram reter-nos, supplicando-nos não passarmos além. As rosas parecem sangrar entre os espinhos, e as gottas de chuva suspensas de suas pétalas brilham como lagrimas : as outras flôres, enlaçadas pelas hervas damninhas, desprendem perfumes estranhos que asphyxiam e dão vertigem. Na cascata e no lago, a agua negra corrompe-se sob as lentilhas verdes e a Naiade cahida tem a cara achatada como a mascara livida da Morte. O sapo salta através das áleas arenosas e vae annunciar a nossa vinda á sua tia, a vibora. Entretanto o vento suspira elegias e o rouxinol descanta as queixas dos seus amores perdidos. A' janella de um Castello de lenda, uma rapariga apparece, loura e fresca, apertada nas suas véstes de seda, semelhando uma dessas lindas neerlandezas que Gaspar Netcher compraz-se pintar em quadros de pedra ou de vinha virgem. Mas essa rapariga encantadora não tem coração, e em seu seio se condensa uma pequena geleira. Jamais nos fará injustiças, mas para a nossa delicada sensibilidade bem melhor será que abandonemos semelhantes criaturas, que trazem a traição occulta sob o rosado da face — porque essa donzella ineffavel nos infligirá mil supplicios, innocentemente diabolicos, e no dia do Julgamento Final não nos será grato resuscitar com terror de a vermos. .

Heiue, como Goethe, soube crear typos de mulheres os mais verdadeiros — basta-lhe um tóque para que uma figura se desenhe, viva e completa. Que encanto enganoso, que languidez pérfida, que riso d'hiena, que lagrimas de crocodilo, que frialdade ardente, que chammes geladas e que *coquetterie* felina ! Nunca poeta algum logrou tão bem fazer menear a ponta da «cauda do Dragão» ao canto de uns labios côr de rosa. E com que subtileza diz elle de Lusignan, o amante de Melusina: «Feliz do homem cuja amante não é senão em metade serpente ! ».

Si é certo que Heine esculpiu em paros o mais brilhante, estatuas de deuses gregos e baixos-relevos de Bachantes, tão puros de fórma como os antigos, não é menos certo se haver tornado o igual Uhland e de Tieck, quando canta as legendas catholicas e cavalheirescas da Média-Idade. Elle transforma a trombeta maravilhosa d'Achim d'Arnim e de Bretano em fanfarras que fazem estremecer os veados nos recessos das florestas e abater a ponte-levidiça dos Castellos Feudaes. Quando monta o seu corcél impetuoso, é para roçar com a sua bota a saia armorial da Castelã em caça. E ninguem maneja o venáblo com mais galanteria fidalga.

O nosso meio litterario, muito susceptivel, pôde suppor de uma grande crueldade algumas das composições de Heine, porque elle é inclemente para os poetastros. Mas Apollo não terá o direito de estrangular Marsyas ? A mão que empunha a lyra de ouro brande tambem o espadim agudo para varar o rude satyro.

Vou terminar por esta pagina do *Livro de Lazaro*, um dos melhores especimens do estylo do poeta, que certamente conhece agora toda a verdade desta terrivel questão :

«A pobre Alma disse ao Corpo : Eu não te abandono, fico contigo, contigo quero abysmar-me na noite e na morte, contigo desaparecer no Nada. Tu foste sempre o meu segundo eu : envolvias-me amorosamente como uma vestimenta de setim docemente forrada de arminho. Mas ai ! é necessario agora que eu, completamente nua e separada de ti, um ser puramente abstracto, vá errar lá acima como um nada bemaventurado, lá acima, nesses frios espaços do Céu onde as eternidades me olham silenciosas, num desalento, Ellas ahi se arrastam entediadas e fazem um rumor insipido com os seus pantufos de chumbo ! Oh ! como isso será horroroso ! Oh ! não me abandones, meu Corpo bem amado ! »

O Corpo disse á pobre Alma : «Oh ! consola-te, não te afflijas assim ! Devemos supportar serenamente a sorte que nos traça o Destino. Eu sou a mécha da lampada, é justo, pois, que me consuma : tu, o espirito, serás recolhido para brilhar lá no alto, como uma linda estrella, com a claridade a mais pura. Eu não sou mais do que um trapo, não sou mais do que materia : vá torcida, é necessario que me acabe e que volte ao que era — uma pouca de cinza. Adeus, pois, e consola-te. Talvez o Céu seja mais divertido do que tu pensas. Se encontrares a Grande-Ursa na abobada dos astros, mil saudações da minha parte.»

VIRGILIO VARZEA.

VACCINA EM 1806

Illm. e Exm. Sr. — Tenho chegado á real presença do principe regente, nosso senhor, um papel, que escreveu e apresentou ao governador o capitão-general da India o physico mór daquelle estado a respeito das observações da inoculação das bexigas, com a materia vaccina; e conhecendo-se que o dito papel contem sufficiente instrucção sobre o modo de praticar aquella operação, ordenou S. A. R. que elle se imprimisse e se mandasse distribuir pelas capitancias dos dominios ultramarinos, afim de que servindo de lição ás pessoas, que ainda não estão inteiramente convencidas da uti-

lidade da dita operação, as estimulasse a acreditar que é á vaccina que se attribue o não ter morrido tanta gente quanto a que até agora perecia por occasião do flagello das bexigas... Em consequencia, pois, da sobre dita real ordem, envio a V. Ex. os inclusos 40 exemplares do mesmo impresso, para que V. Ex. os distribua como julgar mais conveniente; e S. A. Real espera que V. Ex. procurará que nessa capitania se ponha em observancia a citada operação, como um preservativo de tanta importancia. Deus guarde a V. Ex. Palacio de Villa Viçosa, em 29 de Março de 1806. Visconde de Anna-dia — Sr. Conde da Ponte.

A ILHA DE CRUSOË

Lê-se no relatório do consul dos Estados-Unidos da America, em Valparaiso, que a ilha Juan Fernandez, celebrisada pela novella Robinson Crusóe vae tomando notavel desenvolvimento industrial.

A ilha mede quinze milhas de comprimento por oito de largura; tem um excellento porto para abrigo seguro dos maiores navios, muita agua potavel, larga provisão de fructas e legumes que vegetam sem cultura. A industria principal é a da pesca, havendo uma usina para a fabricação de latas e conservação de peixe de todas as especies e dos mais estimados.

O DIVORCIO NA SUISSA

Manifestou-se, na Suissa, uma energica reacção contra o divorcio estabelecido pela lei de 1876. De 20.000 casamentos annuaes, 1.170 fôram annullados, nos cantões catholicos, e, conforme a estatistica official, o dobro nos cantões protestantes. A agitação, sem distincção de cultos ou seitas, tende a difficultar, por todos os meios possiveis, a dissolução do vinculo matrimonial.

A LOUCURA DAS DEMANDAS

(NOTAS E OBSERVAÇÕES)

Não creio que alguém possa ler sem emoção esse hoje bem conhecido opusculo de Rudolf von Ihering que tem por titulo A LUCTA PELO DIREITO. Confesso que já o li em francez, em portuguez, em hespanhol, e me vou preparando, agora, para o apreciar devidamente no original allemão. De cada leitura tenho trazido uma energia nova para bem amar e bem servir a causa do Direito, sentindo que ella é bella e elevada, uma vez que inspira paginas tão nobres e cheias de fé. Constantemente, rumorejam dentro em meu cerebro os conceitos pri-

mordiaes da pequena obra ; desejaria, mesmo, que nunca se apagassem da minha mente essas palavras sagradas: « resistir á injustiça é um dever do individuo para consigo, pois é um preceito da existencia moral ; é um dever para com a sociedade, porque essa resistencia deve ser geral, para ser bem succedida. »

Nessa verdade se inspira o jurista allemão para fazer a apologia do *demandista* de boa fé. Não é o mesquinho interesse que leva o camponez-lavrador a pleitear teimosamente por uns palmos de terra ou pelo pagamento de uns mil reis ; o que o agita e impelle, o que o retém na lucta, é o sentimento do *seu direito* offendido. Defendendo-o, defende a condição da sua existencia moral—na bella phrase de von Ihering.

Entretanto, a observação de todos os dias nos tem mostrado que, nesse particular, como em outras diferentes situações, se patenteia verdadeira a observação de Claude Bernard : « A saude e a molestia não differem essencialmente ; ha entre as duas uma simples differença de gradação ; o exaggero, a desproporção, a desharmonia dos phenomenos normaes constituem o estado de molestia ». De facto : ao lado do homem bom e de espirito equilibrado, que busca, razoavelmente, amparar seu direito com a espada da Justiça, penetra, tambem, nos tribunaes o degenerado-hereditario, vindo das fronteiras da loucura ; trazendo nas suas pretensões a marca indelevel do desequilibrio mental. Esse mesmo ardor na lucta, que desenvolve normalmente o demandista são, apparece engrandecido, cheio de deliriose e de allucinações varias, quando manifestado pelo enfermo. Curioso é observar, em muitos lances, a igualdade dos processos, das maneiras, dos recursos exercitados pelo *normal* e pelo *anormal*. O demandista commum, no encarniçamento da sua paixão, se confunde frequentemente com o louco, no mais accêso do seu delirio. Isso demonstra que tinha razão o velho Falret, quando dizia que, em geral, os paroxysmos duma paixão violenta não se distinguem, no conceito medico-psychologico, dos prodromos da loucura.

Um juiz, embora experimentado e perspicaz, um advogado, embora arguto e encanecido na profissão, não pôde, á primeira vista ou mesmo de pois de rapida conferencia, decidir-se acerca do estado mental de um individuo que lhe pede justiça ou patrocinio para a causa. Acredito que rolam annos e annos nos cartorios certas demandas que tem origem na insanidade mental dos seus autores, sem que tenha havido tempo para indagar do seu fundamento, o que, aliás, não é cousa para admirar no mundo forense.

onde foi possível desenrolar-se a tragedia-Humbert durante vinte e tantos annos, sem despertar suspeitas !

E, em verdade, o estudo scientifico dos loucos-demandistas não vem de data recente. Parece que foi o medico-legista Casper quem lhes dedicou primeiramente a devida attenção. Aqui tenho presente a 1ª edição franceza da sua obra ; é de 1862.

No primeiro volume, á pag. 361, elle estuda a *mania das demandas (querelles)*.

Encontra sua origem num exaggerado ou deturpado sentimento de justiça. O demandista não comprehende o equilibrio das forças sociaes ; quer para elle só, por excesso de amor proprio, o que a sociedade tem o dever de repartir por todos os seus membros. Dahi resultam processos infundados, queixas, reclamações, tudo subordinado á uma idéa fixa, que acaba frequentemente arrastando o maniaco a actos de violencias. Em regra, se confunde, segundo Casper, a mania das demandas com o delirio da perseguição. Offerece o velho medico legista seis exemplos bem caracteristicos, que recolheu na sua laboriosa vida de perito official.

Se acreditarmos na palavra autorizada de Krafft-Ebing, foram continuadores de Casper, nesse interessante estudo (que abordamos como simples amator), os alienistas Brosius, Snell e Liebmann. O proprio Krafft-Ebing estudou detidamente, como uma modalidade especial da *paranoia persecutoria*, essa loucura dos litigantes, (em lingua allemã *querulantenwahnsin*. V. *Traité Clinique de Psychiatrie*) Para nós é indifferente a collocação dos phenomenos morbidos a que nos vamos referindo nesse ou naquelle grupo de molestias mentaes.

Basta ao nosso fim a constatação da sua existencia. Entretanto, para comprehensão do assumpto, não é máo aproveitar o que ensina o projecto dr. Teixeira Brandão, e que nos foi fornecido pelo seu discipulo dr. Alvaro Fernandes, na these « MORAL INSANITY ».

O litigante é, na opinião do alienista brasileiro, um *paranoico*. A paranoia é o delirio systematisado dos degenerados, que apparece de chofre, sem perturbação sentimental previa, sem allucinações (que podem sobrevir accidentalmente, como creação do delirio), tudo evoluindo sobre uma idéa fixa, que constitue o nucleo do mesmo delirio. No litigante a idéa fixa é representada pelo despontar da injustiça ou da perseguição. O dr. Alvaro Fernandes encontrou nos demandistas loucos a convicção profunda do direito proprio ou alheio, isenta de egoismo. Demais, é sempre um facto real que abre a porta a essa forma de

loucura, diz o joven alienista ; quer se trate de um direito insignificante, que lhe foi supprimido, quer de alguma causa importante que perdeu, o doente é levado ao delirio por um facto do mundo real.

Entre as cinco observações brasileiras reunidas pelo dr. Fernandes, divulgamos uma da qual tambem haviamos tomado nota. Reconhecemos facilmente o *caso*, não só pela concordancia das iniciaes, nacionalidade e idade, como tambem pela descripção da vida progressa.

Nesse enfermo se patenteiam os caracteres do louco-demandista, de *typo affectivo ou generoso*.

De uma feita, ha oito ou nove annos, vimol-o distribuir, imaginariamente, por operarios em greve, o *producto* duma renhida demanda... que não tinha vencido. Já sahiu do Hospicio.

Ha diaz, veiu á nossa casa propôr, pela quinta ou sexta vez, uma questão intrincadíssima, que diz ter deixado em Campos, *ha mais de quinze annos*, tendo sido roubado por juizes, advogados e mais pessoas do Fôro. E' bem possível que date dessa epoca o irrompimento da loucura, o que confirma a observação do dr. Fernandes quanto á existencia dum facto real no inicio da interessante *paranoia*.

Outro caso brasileiro, ainda não conhecido nos hospitaes, é o de um creoulo, cocheiro de carro, veterano do Paraguay, ao qual, ainda ha poucos dias, se referia o *Correio da Manhã*, a proposito duma reclamação contra o juiz da 1ª Pretoria. Conhecemol-o e estudamol-o desde nossa entrada para a vida forense, o que quer dizer, ha dez annos.

Suppõe-se filho e herdeiro dum general, pessoa bem conhecida no segundo quartel do seculo passado, e que habitava uma das veilhas casas da rua do Nuncio, entre a da Constituição e a do Visconde do Rio Branco.

Tirou certidões do testamento, dos impostos de muitos predios (*que nem todos pertenceram ao general*), accumulou um monte de papeis amarellecidos pela acção do tempo, e eil-o a perigrinar de escriptorio em escriptorio, propondo a causa e proclamando a rapinagem dos que lhe usurparam os direitos hereditarios. A convicção com que esse individuo sustenta seu papel de herdeiro espoliado e a apresentação de documentos que não se podem examinar de prompto tem conduzido advogados serios a acceitar a demanda, e tem tentado mais de um capitalista, desses que usurariamente exploram a compra de litigios. Todos desanimam, e, afinal, comprehendem a loucura quando, se veem a braços com as exigencias desmarcadas do pobre cocheiro, que enxerga uma propriedade do fallecido

general em cada grande palacete ou grande chacara do Cattete ou Botafogo...

O que distingue esse demandista ou *processivo* (como dizem os francezes) dos maniacos que commumente se encontram nos centros populosos, é a coordenação perfeita das ideas, o ajustamento da sua vida ás normas communs, a comprehensão mais ou menos perfeita do processo judiciario. Em tudo que não diz respeito á sua demanda, procede razoavelmente, seriamente, tendo cumprido suas obrigações profissionaes, até ha bem pouco tempo.

Ha outra especie de processivos ou demandistas de um «typo» mais perigoso.

Sómente desses parece ter tratado o dr. Culerre, no seu livro *FRONTIÈRES DE LA FOLIE*.

Elle os descreve como desprovidos de todo senso moral, insubmissos, pouco escrupulosos, capazes dos actos mais baixos, violentos e mentirosos. Constituem verdadeiras pestes sociaes. Esses, em geral, são dados mais especialmente aos processos criminaes e ás queixas contra funcionarios.

Comecam dizendo-se *perseguidos* e acabam sendo terriveis *perseguidores*.

Entre nós, ha, num suburbio, a realisação perfeita do typo descripto por Culerre e que nada fica a dever a um que elle examinou e cujos actos fazem objecto de substanciosa «observação». E' portuquez de origem, naturalizado brasileiro. Parece que, ha annos, exercia a profissão de curandeiro, o que se denuncia pelo appellido, *Herva-Santa*. Ha oito annos não cuida doutra cousa que não seja formar processos e excitar os vizinhos a formal-os. Com essa mania tem gasto o que, com difficuldade, juntou e o que vae ganhando. Abandona a horta de que parcamente vive e vem, *todos os dias*, para a cidade, cuidar das causas proprias e das alheias; o que quer é ver alguém processado ou preso; isso lhe incute um prazer todo especial, manifestamente morbido. Em havendo crime para aquellas bandas onde mora o *Herva-Santa*, não é preciso perder tempo em indagações: elle tem parte na causa, sem ser directamente cúmplice. E' o preparador indirecto ou o excitador. Depois, é a testemunha de accusação ou de defesa, ou o protector de uma das partes...

--- Em individuos dessa especie se nota, como ensina o dr. Augusto Forel, de Zuricã, a «perversação pathologica progressiva» do senso moral. O caso que esse autor estudou é interessantissimo. Trata-se de um medico, desabusado charlatão, elevado, por artes de politicagem, a legislador municipal. Não ha um só acto da sua vida publica que não tenha acabado nos tribunaes e em fortes polemicas pela im-

prensa. Abandona os clientes para viver no meio de advogados, rabulas, juizes e escrivães, pleiteando suas causas infundadas. Condemnado a prisão e a multas, não cumpre as penas; revolta-se contra a sentença e ameaça seus executores. Internado em um asylo, é, afinal reconhecido como louco processivo. Sahe mais furioso do que nunca. Entra em periodo de agitação enorme, abala a opinião publica, atacando os peritos que o examinaram e propondo a demolição de todos os asylos de alienados, que appellida *novas Bastilhas*.

A despeito de toda uma serie de actos desarazoados e de escandalos doentios, o *processivo* consegue arrastar alguma sympathia para sua causa; sendo necessario virem os peritos a publico defender sua conducta perante o mundo scientifico (V. *CRIME ET ANOMALIES MENTALES CONSTITUTIONNELLES*, pelos drs. Augusto Forel e Aib. Mahaim, 1902).

* *

Como distinguir, no meio da affannosa labutação forense, os demandistas de espirito equilibrado e os que não o possuem?

O problema não é facil, dada uma simples conferencia ou uma consulta passagcira. Para nossa felicidade, porém, os loucos são falladores massantes e prolixos, e é, exactamente, ouvindo-os com paciencia, durante horas, que se lhes descobre a anormalidade.

EVARISTO DE MORAES.

SCIENCIA E INDUSTRIA

TORPEDO DIRIGIVEL

O importante papel que as torpedeiras estão representando na guerra russo-japoneza, onde se têm exhibido em terriveis experiencias os mais aperfeiçoados engenhos militares, attrahe a attenção dos profissionaes para os dous pólos do poder naval — a coiraca e o torpedo, ou a mina submarina.

A torpedeira é considerada um poderoso instrumento, mas exige extraordinario sacrificio de vidas; necessita expor-se ao fogo de artilharia para se aproximar do adversario, não podendo ter certeza dos resultados do ataque, ainda que elle se realice nas melhores condições de exito. Além disso uma torpedeira, na maioria dos casos, poderá conduzir e lançar, com vantagem, dois torpedos, dependendo de uma tripulação de vinte homens, no minimo, e custando cerca de 50 a 100.000 £.

Para obviar esses inconvenientes, foi suggerido o emprego de pequenas embarcações de grande força, tripoladas por dois homens, e custando 1.500 £. Um navio de extraordinaria marcha e ligeiramente protegido, con-

duziria vinte ou mais desses pequenos lançatorpedos, que deitaria ao mar no theatro da acção.

A solução mais pratica e mais perfeita desse problema parece obtida com o aparelho que o sr Lamarão exhibiu ha dias — o torpedo automatico — com marcha e direcção reguladas pelo lançador por meio de ondas hertzianas, imprimindo-lhe movimento ao leme, fazendo-o fluctuar ou immergir, explodir pelo choque, ou no momento desejado, ou voltar ao ponto de partida. Além desses movimentos, que lhe dão o aspecto de um organismo vivo, intelligente, o aparelho pode funcçãoar como simples correio entre navios de uma mesma esquadra, ou entre esta e a costa, sempre em condições de passar despercebido ao inimigo.

Nesse aparelho engenhoso, simples e barato, pois poderá ser fabricado pelo mesmo preço dos torpedos Whitehead, se concentram harmonicas e com admiravel exito as funcções da torpedeira, do submarino e do torpedo: foi o que deprehendeu um dos nossos collaboradores da visita feita ao laboratorio do sr. Lamarão, á rua Senador Vergueiro, 15.

Essa invenção foi subvencionada pelo governo, mas teve de ser interrompida por tramites *bureaucraticos*, cujas cansadas delongas ocasionaram a precipitação da verba votada pelo Congresso, no abysmo do exercicio findo — terror dos credores do Estado, empedernida vergonha da nossa organização financeira.

Para as experiencias definitivas, falta apenas o casco do torpedo dirigivel, na verdade coisa insignificante para tão grandes resultados.

OS RAIOS BECQUEREL

O dr. Ludon publicou em S. Petersburgo, interessantes observações sobre a acção dos raios Becquerel sobre o systema nervoso e os olhos. Elle verificou que, collocando uma caixa com bromidrato de radium em uma gaióla de ratos, estes ficavam paralyticos, cahiam em coma e morriam em cinco dias.

Verificou tambem que individuos totalmente cegos, ou com fraquissima percepção da luz erão muito sensiveis áquelles raios, e podiam formar concepção visual do contorno dos objectos, cujas sombras erão exhibidas num escriptorio por meio dos raios.

A FATA MORGANA,

A Fata Morgana, bello phenomeno atmosferico, cujo nome vem de uma fada das lendas medievaes, e se reproduz no estreito de Messina, foi ha pouco estudado pelo dr. Boccara, do collegio Reggio, o qual vio as aparições sob as tres formas — aerea, marinha e multipla. No primeiro caso, edificios da costa italiana foram vistos projectados nas costas da Sicilia; no segundo — appareciam sobre Messina as arcadas do viaducto de uma estrada de ferro, extraordinariamente augmentados e brilhantes, abaixo da linha do mar; no multiplo, viram-se, simultaneamente aparições aereas e marinhas. Esse phenomeno de refração anormal é attribuida a variações da densidade atmospherica.

O THEATRO

Só ha pelos palcos o que já se viu. No *Lyrice*, o Aldo vae mudando de cara, de bigode, de corpo e alma, emquanto no *S. José*, as *Pilulas de Hercules* vão envenenando a alma da gente. No *Recreio*, o *Avança* ferve, fumegando a panelada de maxixe, sem ter ainda empanzinado o publico, e não calou até agora o bico o dito do *Pagaio*, que tem bicado muita gente para o *Apollo*.

Novidades—em promessas. Uma dellas, o *Badalo*. E' uma nova revista do Raul e do Vicente Reis: Ainda não se disse uma palavra a respeito do quilate da peça; eu não sei, e bem pouca gente sabe ao certo, se a coisa é boa. E' provavel que seja. Raul tem graça, tem talento e bom gosto, e já mostrou no *Esfolado* que também tem geito em cahir no gôto do publico.

O *Badalo*, até hoje, não deu um só repique, não se lhe badalou, por ora, o merito, para que se saiba se elle vem como fancaria ou como obra litteraria.

Está ahi uma historia que se deve dizer logo, para não haver duvidas, nem desillusões. Expliquemo-nos: annunciam os jornaes a peça de um graúdo nas lettras, de um que creou fama e vive deitado já na cama. Quem corre ao theatro, espera coisa fina, da mesma maneira que ao entrarmos num *sebo*, esperamos encontrar somente livros velhos. Mas, a coisa fina se engrossa, se agrosseira, se aca-panga em attitudes réles, e era uma vez a *arte*. A arte e a respeitavel matrona sra. Decencia.

Resultado: como litteratura, a peça é má, como fancaria, é esplendida.

Mas, ningnem se atreve a dizer isso. E quando se faz uma ou outra referencia fóra da praxe do engrossamento, todo o mundo salta gritando que um publico como o nosso só merece fancaria. Não engulo essa pilula. Isso não é mais que um bello cacoête: todo o artista e incomprehendido.

O que não deixa de ser verdade é que o nosso povo, quando vae ao theatro, alegre, vae disposto a rir, seja por meio de pilheria canalha ou de pilheria limpa, seja por meio de babuseira ou de coisa boa.

Um individuo qualquer ahi quando o estomago dá horas, o que quer é comer. Come com sabor o feijão com carne secca, como um prato de *mayonnaise*. E dê-lhe a *mayonnaise* que elle sairá contarolando pela rua, dizendo por toda a parte que almoçou melhor que um reverendo.

O Raul tem bom senso e bom paladar. Só nos affirmará que o prato é bom se realmente elle fôr iguaria rara.

E' rapaz, tem sonhos, tem merito, e, por isso mesmo, não ha de querer arrumar entre a sua bagagem litteraria

essas revistas feitas a vapor, sem preocupação, sem esforço, tendo por escopo unico a *cavação* da vida. Para que estamos a fallar, se ainda não sabemos se o *Badalo* é na realidade uma obra, ou se é unicamente uma revista. O que sabemos é que depois d'elle, irá á scena o *Mambembe*, de Arthur Azevedo e José Piza. Já o aetor Mesquita tem dois actos dessa burleta, e começará a ensaiar-a depois de prompta a peça do Raul.

Outra promessa mais — a companhia de zarzuela para o *Coliseu*. Pelo que se diz, irá ter esse theatro a mesma affluencia que pelo tempo dos homens de *muque*. A companhia é grande, ha não sei quantas figuras e affirmam por ahi que os srs. Seguin esperam-na com ancia e com certeza de successo.

Que sejam felizes! Que tenham também a feliz lembrança de dar uma folga ao realejo!

Por falar em folga, folgamos muito com o recebimento da *Passagem do Mar Vermelho*, que nos mandou o seu autor. O sr. Fonseca Moreira que nos perdôe aquellas amabilidadesinhas que lhe dissemos na nossa chronica primeira. Agora, estamos de perfeito acordo com o sr. Moreira. Estamos de acordo com o sr. Moreira, quando o sr. Moreira diz que a exhibição da sua peça « seria um verdadeiro acontecimento theatral se correspondesse a montagem e luxo. »

Concordamos delirantemente com o sr. Moreira, quando o sr. Moreira affirma que um dos seus quadros, se a peça não fosse mutilada, causaria « um delirio. »

Estamos ainda com o sr. Moreira quando o sr. Moreira prega que « sem progresso não ha vida nem movimento. » De perfeito acordo ainda quando diz que « sem movimento e instrucção o mundo não passaria de uma noite sem estrellas. » Mais de acordo ainda quando firma que « sem felicidade a existencia é um prolongamento de soffrimentos. »

Fazemos echo com o sr. Moreira, quando o sr. Moreira mettendo o páo no pessoal despeitado, grita que « os grandes sabios têm sempre ao seu dispor uma grande tradição: não ha como um dia depois do outro. »

Mas, o sr. Moreira ha de concordar também connosco. Ha de concordar nisto:

O sr. Moreira que não empate tempo: queira ter a bondade de sair do caminho e dar *passagem* aos outros.

Para terminar — uma nova. Octavio Rodrigues, um rapaz que ninguem conhece ainda na vida dos bastidores, leu, ha trez dias, a uma porção de amigos, um seu ensaio theatral. E' uma comedia, em um acto só. *Cadaveres* é o titulo. Não sei se o trabalho em scena produsirá effeito, mas o que é certo é que a rapasiada que assistiu á

leitura, *riu-se* abertamente da primeira á derradeira phrase. E' engraçadissima. E sobretudo leve: não ha uma pilheria canalha. O rapaz tem talento de sobra e geito especial para theatro.

JUSTUS JUNIUS

O ALMIRANTE (3)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

CAPITULO II

As casas aristocraticas das ruas do Lavradio e dos Invalidos, palacios da nobreza que se extinguiu sem deixar traços na historia, casarões de pedra e cal, construidos pelo risco desgraçoso e uniforme da pesada architectura colonial, vão perdendo o aspecto senhorial, transformados em pensões baratas, em beliquêtes immundos. Os vastos parques, plantados de laranjaes, de mangueiras em renques colossaes, de jaqueiras frondosas, cortados de alamedas de bambús e de palmeiras, perderam o primitivo aspecto pittoresco. Nos jardins abandonados floresceram hortas e capinsaes, ou foram retalhados em ruas de pequenas casas de cortiços, invadidos pela população pobre de operarios e funcionarios publicos, transbordando do centro da cidade, onde a renda dos predios subira a preços exorbitantes.

Os descendentes dos aventureiros, dos bandeirantes, caçadores de indios e de oiro, os filhos dos donatarios, não souberam conservar a herança paterna: esbanjaram bens, tradições e character, desfibraram-se numa raça molle, quasi sem vestigio do vigor e da bravura epica dos colonisadores, rudes, intrepidos descobridores de territorios, ao contacto do sangue do negro, que alastrou pelo nosso immenso littoral, cavando-lhe os portos, construindo-lhe cidades, fecundando-o com plantações de fumo, de algodão e canna de assucar; que penetrou os sertões inacessiveis e arrancou das entranhas da terra opima, prodigiosamente ubertosa, thesouros maravilhosos, milhões de arrôbas de oiro, alqueires de diamantes, de essencias, de tinturas preciosas, de especiarias, que iam, além mar, cevar o luxo da côrte, os caprichos eroticos de frascarios reis devotos, e subvencionar as magnificencias do delirio de grandeza da metropole. Essa raça maldita, arrancada a ferro e a fogo dos lares africanos, foi o mais proficuo factor da nossa civilisação. Industrias, artes, toda essa antiga opulencia decadente, foram producto do seu sangue, numa faina de alimaria, tangida pelo implacavel latego dos feitores.

A nobreza não podia dispensar o braço escravo. O negro era um manancial de trabalho gratuito, de dinheiro para alimentar o luxo obeso e pesado dos herdeiros da terra, dos descendentes dos agraciados com latifúndios, que pareciam inextinguíveis. Eram os negros bellos, cocheiros e lacaios, habéis operários e fidelíssimos feitores. As negras eram as mucamas, aias, creadas, pessoal de serviço doméstico de que não escapavam os amores anciaes, a torpíssima servidão que, como castigo do nefando crime dos dominadores, os infeccionou; enfraqueceu-lhes as energias; esgarçou-lhes os laços essenciaes á perpetuação da família integra e homogénea, dissolvendo-a pela esterilidade das esposas e pela successão dos espúrios, até firmar a preponderancia do typo luso-indio-negroide.

Por isso e por muitas outras razões desenvolvidas pelo illustre advogado — conselheiro Souza e Mello, nas suas tiradas satyricas, saturadas de sociologia, rebuçadas em antropologia e outros envolveres eruditos:

— Desde o dia — sentenciava elle — em que o governo, obedecendo a veleidades sentimentaes, aboliu a escravatura, extinguiu a nobreza e privou o throno de um dos mais possantes esteios. A politica abolicionista procedera como o idiota que serrasse o galho pôdre sobre o qual estava escanchado: foi victima de um desastre irreparavel provocado pela propria ineptia.

Afastado da rua, uma das sombrias transversaes da praia de Botafogo, e meio escondido no arvoredó, o palacio da marquezia havia escapado á sorte de seus congeneres, arruinados, transformado em hotéis ou casa de comodos; conservava ainda os jardins aparados e limpos e a chacara que era um vasto pomar, rico de fructos saborosos pendentes de arvores que o marquez plantara nas horas vagas, com o recreio de seus ocios prolongados. No fundo, perto da montanha, havia um pequeno bosque de ipês e pau-brasil de apparencia selvatica, cobertos de orchideas, intrinçados de cipós, formando um recinto obscuro e perfumado, onde borbulhava, em pranto incessante, uma fonte a cair em cascatas sobre rochedos artificiaes de cimento e ferro. Ao lado, encostado a um penhasco verdadeiro, erguia-se um pavilhão, ruina de templo grego, convidando ao repouso e á meditação: ao repouso, nos bancos de alvenaria, e á meditação, contemplando o painel de azulejos de faiança, reproduzindo, em correcto debuxo, o famoso momento do peccado original: Eva, de olhos vesgos de voluptia, offerecendo o fructo prohibido; Adão acceitando-o, desageitado de pudicia, e a serpente enrolada ao tronco da arvore da sciencia do bem e do

mal, lambendo os beiços com a lingua bipartida de contente pela victoriosa perfidia. Este sitio, sombrio e suggestivo na sua aspereza selvatica, era o Paraiso. E, para que mais se confirmasse a poetica denominação, estava erecto á entrada da estreita e tortuosa verêda, que conduzia á fonte, a estatua de um anjo brandindo, ferrivel, ameaçador, o gladio flammejante.

Era ahi, na penumbra desse cantinho perfumado que o marquez passava as séstas nos dias estivaes: elle, mediano e chaboqueiro typo de mameuco, de olhos vivos, espantados sob espessos supercilios, barba e cabellos brancos, labios roxos como grandes amóras, falando alto e com gestos arbatados e firmes de quem está acostumado a mandar; ella, franzina, esbelta, morena de jambo, a se requebrar em denguiques languidas de mulata, denunciada pelos coracões do cabello negro, pelo fulgor dos olhos, sempre lubrificadas por um filtro de voluptia, e o sorriso ironico, mal esboçado nos labios polpudos e vermelhos.

Filha de um afortunado fariscador de diamantes de Goyaz, Guilhermina saíra do convento aos vinte annos para despozar o coronel João Francisco dos Santos, um dos príncipes das feiras de Sorocaba, elevado de tropeiro a grande criador nos vastos campos devolutos, que foi abocanhando, sem cerimonia, nos invios sertões da terra paulista, das margens selvagens do Paraná-pinema aos campos de Guarapuava.

Além de oiro em barra, guayacas cheias de pedras preciosas, maços de apolices, de escripturas de propriedades e uma legião de escravos escolhidos, levou ella para o casal o que faltava absolutamente ao marido: graça e elegancia, dotes de temperamento, que haviam resistido á educação monastica, e uma intelligencia demasiado cultivada para o estreito campo de acção de uma senhora daquelle tempo. As freiras, para não perderem a discipula millionaria, que era um patrimonio para o pobre convento, lhe ensinaram sciencias e artes, que, mais tarde, lhe deram extraordinario realce aos encantos da pessoa e fizeram della um fóco de attracção, uma estrella de primeira grandeza nas sublimes regiões da aristocracia indigena.

João Francisco, agraciado por manobras politicas da esposa com o titulo de barão; eleito deputado e mais tarde, quando organisou um batalhão de znavos voluntarios e libertou algumas duzias de escravos velhos, destinados á guerra do Paraguay, elevado a marquez de Uberaba, seu torrão natal, não perdera as linhas desenvoltas de tropeiro ladino, afoito a discorrer sobre politica e industrias com as noções colhidas nas conversações intimas com a mulher, com o conselheiro Antonino e outros homens illustres que adeja-

vam em torno dos milhões e da influencia politica num formidavel eleito-rado.

Se a incompatibilidade do temperamento, a differença da idade não permitiam que se amassem como dois pombinhos, elles se estimavam sufficientemente para serem felizes: elle, subjugado, encantado; ella, attenuando o contraste da superioridade, se amolgava para quebrar-lhe os impetos; transigia opportunamente; submettia-se com doçura, com simulada obediencia, sem humilhação; torcia-lhe, brandamente, os caprichos, envolvendo-o nos tenues fios de seda de suas caricias inebriantes e governando-o, afinal, com indisputavel despotismo. Mas, como não ha felicidade completa, lhes recusára Deus próle abundante e vigorosa. Os filhos desse casal nasciam com difficuldade; viviam pouco: morriam de repente, sem molestia. Rachiticos, muito morenos, de uma côr morpida e arroxada de echymose, apenas dois lograram attingir aos doze annos: os outros não venceram as crises da primeira infancia. Foram ao todo seis, não contando dous móvitos, cujos pequeninos tumulos de marmore marcavam de tristeza uma escura alameda de jaqueiras.

Desilludida da esperança de ver medrarem os filhos, revoltada á idéa de parir moleques, phenomeno sinistro que os especialistas attribuiam a defeitos organicos ou a um pessimo crusamento, concomittante á notavel differença de idade, á dissoluta juventude do marido, á educação della no convento, volatilisada a alma em mysticismo e o corpo privado da expansão normal; desenganada da ineffavel delicia da maternidade, que deve ser o fóco das aspirações das mulheres superiores, a marquezia concentrou todos os seus affectos em Oscar, rapaz robusto de corpo e alma, que encontrára em casa trazido pelo marquez, de uma das frequentes excursões ás fazendas de S. Paulo e Minas Geraes, um orphão que lhe fôra confiado pelo pae, velho amigo moribundo. Contemplando as travessuras do rapaz no parque, onde passava os dias a trepar nas arvores, colhendo as rosas das mangas, os abacates, abios e sapotis nos mais altos galhos, a lidar com os cavallos de sangue, montando-os com agilidade impavida, a manejar com bravura, á porfia com os pretos, os instrumentos aratorios, desobediente aos protestos do Manuel Gião, que era o mordomo na capital e o administrador na roça, a formosa e meiga Guilhermina immergia em funda melancolia, lembrando, saudosa, os filhos condemnados, como se fôra maldito o seu ventre, victima de mysteriosa vindicta da raça opprimida, cujo sangue feroz lhe corria nas

veias, infeccionando-lhe as entranhas.

Surgindo desse extasi de mãe incon-solavel, conchegava ao regaço o rapaz, a palpitar de vida exuberante, a despedir scentelhas de intelligencia dos olhos azues e doces: beijava-o, amimava-o com excesso de ternura, como se elle representasse a prole extincta, o ideal inatingido.

O Marquez, para ser agradavel á esposa, fingia ignorar ou fazia vista grossa ás estroinices de Oscar, que davam áquella casa triste a nota de rumorosa alegria; mas, no fim de contas, era tutor, e seii indesculpavel desidia deixal-o crescer em plena liberdade devastando-lhe o pomar, especialmente os abacates manteiga, indispensaveis em todas as refeições do nobre senhor, tanto se lhe encastoára na cabeça a confiança nas miraculosas propriedades, attribuidas pelo vulgo á gostosa laurácea. Além disso, o Gião, que exercia grande influencia no animo do ex-tropeiro de Sorocaba, implicára com o rapaz pelas contínuas faltas de respeito, como elemento de desordem, de anarchia, virando a cabeça do pessoal do serviço, pregando doutrinas subversivas e affirmando, com escandalo, que negros eram creaturas de carne e osso: tinham alma como os brancos e eram todos filhos de Deus. De uma feita, tendo de castigar um molecóte, predilecto companheiro de Oscar, este se oppôz com estranha energia, armou-se de um cacete e intimou o feitor a abandonar o relho e a victima, chamando-lhe—galego ordinario— e outros feios epithetos. Por essase outras, inclusive a clemencia da senhora marquez, a administração andava á matrôca, fóra dos eixos, a indisciplina alastrando entre o pessoal com funestos effeitos.

(Continúa.)

UM POUCO DE SEMANTICA

Os casos de mudança ou transferencia dos sentidos dos vocabulos são sempre casos interessantes. Os tradadistas de *semantica*, que outros chamam *semiologia*, *sematologia*, ou *semiotica*, sciencia complexa, difficil e por organizar, pois os philologos mais alumiados que della se têm occupado, como Darmesteter, na sua *Vie des mots*, e Michel Bréal, numa obra mais recente, (*Essai de sémantique*) e, entre nós, Pacheco Junior, num livro posthumo vindo a lume o anno passado, não conseguiram ainda reduzir a systema os factos dispersos e as notas sôltas, que têm accumulado a respeito das mudanças que a significação da palavra soffre através do tempo e do espaço,—os tradadistas de *semantica*, digo eu, assignalam como um dos principios actuaes na evolução dos

sentidos a transferencia de accepção quando o objectivo passa para subjectivo, o activo para o passivo, e vice-versa. A significação da palavra tem, por assim dizer, uma dupla face, um duplo aspecto, e, segundo o contexto, designa uma cousa ou a sua contraparte: *hospede*, por exemplo.

Francisco Manuel do Nascimento ou Filinto Elysio nota mais de uma vez na sua traducção das *Fabulas de La Fontaine* que, em latim e em portuguez, *hospede* se diz egualmente do que hospêda, e do que é hospedado.

No livro divino do harmonioso e suave frei Luiz de Souza, o mais perfeito prosador da lingua no conceito de Garrett, encontra-se um exemplo da palavra *hospede* na primeira accepção, isto é, o que dá pousada ou agasalho.

Andava o santo arcebispo bracharense com sua comitiva em visitação pelas serranias de Barroso, quando, ao passar de uma igreja a outra, a meio caminho se cerrou a noite em um despovoado e paragem tal, que com grande trabalho pôde chegar a um casebre onde morava uma velha pobrissima, a quem pediu gasalhado. Para a ceia não havia mais que uma panellinha de caldo que, sem outra mixtura nem mais adubos que umas folhinhas de couve, estava a ferver sobre dois tições.

O veneravel d. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo primaz, comeu as folhas, bebeu o caldo, asseverando que nunca jámais provara coisa que lhe tão bem soubesse. Oiçamos ao fraçe dominicano, na limpidez crystalina de seu estylo: «Fazia-se tarde, a provisão não vinha, que sobreveio chuva e vento, além de ser o caminho por si agro e detençoso. Estavam todos sentidos e agastados, e mais que todos o que trazia a cargo o governo da Familia, que não sabia parte de si de desconsolado, pelo que via padecer ao Arcebispo, e a toda a companhia. Entendeu o Arcebispo o desgosto, que já nenhum o dissimulava. E como elle tinha feito tanto habito de mortificação que em semelhante occasião parecia insensivel, quando mais affligidos estavam, perguntou com muita graça á velha *hospeda*, que era o que tinha ao fogo, e se partiria com elle da sua ceia.»

Não precisa exemplificada a palavra na outra significação, que é hoje em dia a mais commum. Camillo Castello Branco, talvez por evitar o equivoco de palavras bifrontes, emprega *hospedeiro* para indicar o que dá hospedagem, e *hospede* para designar o que a recebe. Vejamos:

«As velhas, acariciando a menina, renunciaram nella todo o direito de *hospedeiras*, declarando-se *hospedas* em casa de sua prima Lucia Peixoto.» (*A doida do Candal*, cap. VI, pag. 58.)

«A festa entrou o portão, sem descompor a fôrma que trazia, porque é de praxe inalteravel que os cumprimentos de parte a parte, entre *hospedes* e *hospedeiros*, se troquem em prosa, depois que os cantores teem dito em verso ao que vêm.» (*Quatro horas innocentes*, pag. 31.)

«O hospedeiro, que desvelado como antigo amigo, agasalhára o commerciante, era um lavrador de grandes bens...» (*As trez irmans*, primeira parte, cap. II, pag. 12.)

«Em seguida, Balthazar levantou-se, poz as mãos, orou e pediu aos *hospedeiros* estarrecidos que o deixassem passar pelo somno. Quem não dormiu, foram os vendedores da leira. Ao repontar da manhã, ergueu-se o *hospede* de sobre a taboa do escabello...» (*O santo da montanha*, cap. 34, pag. 291).

Do mesmo fenomeno semantico—emprêgo simultaneo da mesma palavra activa ou passivamente, como sujeito ou como objecto, ainda ha varios exemplos. *Alugar*, conforme a phrase, significa *dar* ou *tomar* d'aluguer; *esmolar* que alternativamente se usa na accepção de *dar esmola* e na de *pedir esmola*. Querem alguns muito rigoristas que a signifição exacta de *esmolar* seja unicamente a primeira. Entretanto, ninguem poderá negar que a outra accepção está hoje generalizada. O sr. dr. Heraclito Graça, num de seus artigos magistraes impressos no *Correio da Manhã* e agora, por fortuna dos estudiosos da lingua, reunidos em volume constituindo um thesoiro vasto, immenso, abundantissimo, mostrou que os bons escriptores empregam o verbo *esmolar* assim no sentido de *dar esmolos*, como, fazendo-se echo da linguagem commum, no de *pedir esmolos*, podendo em ambas as accepções usar-se transitiva ou intransitivamente.

Aos exemplos apontados pelo preclaro Mestre, juntaremos os seguintes:

«Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe *esmole* uma mealha; ...» (A. Herculano — *Lendas e Narrativas*, tom. 1º, A aboboda, IV, pag. 273.)

«Tamanho odio exulcerava-se na invulnerabilidade dos creditos de frei Joaquim, um santo que nada tinha de seu, que mendigava aos ricos para dar aos pobres; que *esmolava* os doze vintens que recebia nos enterros e nas missas, e deteriorava as rendas da irmã — que o agasalhara expulso do seu convento — induzindo-a a demasias de caridade superiores ás suas posses.» (Camillo — *Volcões de lama*, p. 191.) Neste trecho do grande romancista e no do egregio historiador, acha-se o verbo *esmolar* na significação de *dar esmolos* e usado como transi-

tivo. Vejamol-o na mesma accepção, mas como intransitivo.

No monologo da actriz Emilia das Neves, inserto no *Outono*, collecção de poesias, escreveu Castilho, o pontífice da prosa e do verso :

« Vós sois os que *esm.o'aes*, eu sou a que mendigo ».

Outro exemplo, e é de Camillo no cap. X, pag. 84 d' *A sereia* : « A esperança enflorava-lh'as de novo, desde que um pobre, a quem ella, desde menina, *esmolava*, lhe prometteu ir a S. João de Rey levar uma carta, com todo o recato. »

Exemplo de palavra usada activa e passivamente, temol-o em muitos participios, que se podem empregar num e noutro significado: homem *lido*, *corrido*, *viajado*, isto é *que leu*, *que correu*, *que viajou*.

Filinto, na fab. 47 do Liv. 1º, escreveu :

« Ambos com sêde encontram poço, baixam,
E bebem á vontade, e bem bebidos,
Diz o Raposo ao Boê:.... »

Bem bebidos, bem comidos exprimem sob a fórma passiva os que regam largamente as entranhas e os que comem á tripa forra.

Infinitos tambem ha de verbos transitivos que accumulam a funcção das duas vozes. Julio Ribeiro enumerou os casos em que isto ocorre, e á grammatica do saudoso e douto filologo temos a honra de remetter o leitor. São casos de passividade latente ou semeiotica, passividade apenas expressa pelo sentido: exteriormente não possui o verbo signal algum de passividade: *verdade dura de dizer, é facil de supôr, é facil de adivinhar, coisa difficil de crêr* etc. A palavra que representa o agente desse infinito pôde ser posta em relação adverbial por meio da preposição *por*. O rei mandou *fazer* esta obra *pela policia*; mandei *comprar* o livro *pelo criado*.

« Vae por sete annos que tivemos uma grande impressão, ouvindo pela primeira vez, *decifrar*, com a transparencia meridiana da sua palavra, *pelo dr. Francisco de Castro*, o mysterio da frequencia dos accessos perniciosos entre nós. » (Ruy Barbosa — *A oração do paranympho*, editorial d' *A Imprensa*, de 7 de fevereiro de 1899.)

« Logo que o auctor ou inventor fizesse *reconhecer pelo governo* do proprio paiz o direito exclusivo de reproducção ou a propriedade legal do seu livro ou invento... » (Herc. — *Opusculos*, tomo II, pag. 149.)

« Recebeu a senhora de Simões a quantia, e lavrou com sereno pulso a quitação, depois de mandar *contar pelo feitor* o capital e juro vencido. » (Camillo — *O demonio do ouro*, vol. II, cap. IV, pag. 59.)

Eis ahi verbos de fórma activa com sentido passivo. Inversamente, ha verbos de fórma passiva com significação

activa, como em latim os chamados verbos depoentes: *imitor*, eu imito, *morior*, eu morro, *polliceor*, eu prometto, etc.

« Ao despontar do sol, estava aquelle sepulcro ainda orvalhado de algumas lagrimas, e o guerreiro simulacro de pedra coroado na cabeça e nas armas de louros frescos e viçosos: os cavalleiros *eram partidos* caminho de Zamora. » (A. F. de Castilho — *Quadros historicos*, pag. 42.)

« Passaram dois annos, e *somos chegados* ao de 1840. » (Camillo — *Os brilhantes do brasileiro*, cap. XIV, pag. 103.)

* * *

Sejam as ultimas palavras deste escripto um vivo agradecimento ao illustre e estimado romancista de *Luzia Homem* e director dos *Annaes*, pelo convite que magnanimamente me fez, para collaborar na sua apreciada revista.

Acceitei, cordialmente penhorado, o benevolo convite, e hoje installo aqui uma secção daquillo a que sr. Walfrido Ribeiro, secretario deste hebdomadario, chamou com uma pontinha de malignidade o meu « sanatorio ». Não me dou por meiindrado com a qualificação. Não é desdoiro uma officina de limpeza e desinfecção litteraria. E' antes uma grande honra porque é um grande serviço que se presta. Um dos doze trabalhos de Hercules foi a lavagem que fez o heróe no estábulo de Augias.

MARIO BARRETO

DIVINA COMEDIA

CANTO XV

DO

PURGATORIO

—

(DANTE ALIGHIERI)

(INÉDITO)

Caminho, que conduz ao terceiro circulo, onde se expia o peccado da ira. Practica de Dante e Virgilio. Exemplos de mansidão á entrada do circulo apresentados a Dante em visão. Espesso fumo, que tolhe a vista dos objectos.

1. Quanto caminho faz da tertia hora,
No giro seu, a luminosa esphera,
— Sempre a mover-se — qual criança — á
aurora,
2. Tanto, para acabar o curso, espera
O sol, e para dar á tarde a entrada:
Lá vesperras, aqui meia-noite era.
3. De luz me estava a face então banhada,
Porque, em torno á montanha proseguindo,
Do occaso em direcção ia a jornada,
4. Quando, mais vivo resplendor fulgindo,
Offuscado fiquei mais do que de antes:
Desse portento a acção pasmei sentindo.
5. Acima dos meus olhos, por instantes,
As mãos alcei, — sombreiro que antepara
O mór excesso aos raios deslumbrantes.

6. Assim como de espelho ou lympha clara
Resalta a luz de encontro á opposta parte,
Subindo logo após, como baixara,

7. Da linha vertical não se disparte
Uma distancia igual sempre mantendo
Como nos mostra experiencia e arte:

8. Em frente a luz, assim, se refrangendo,
Tão penetrante a vista me feria,
Que a dirigi a um lado, olhos volvendo.

9. « Qual é ao Mestre amado então dizia —
« Aquelle objecto que me offusca tanto
E ao nosso encontro, ao parecer se envia? » —

10. « Que inda te offusque não te mova espanto
A celeste familia » — me ha tornado —:
« Fallar-te vem um mensageiro sancto.

11. « A veres com delicia aparelhado
Serás em breve o lume refulgente,
Quanto ser pôde ao ente humano dado.

12. Acercados ao anjo, alegremente
Nos disse; — « Aqui passai, menos penosa
Subida nesta escada está patente.

13. Andando, atraz cantar em voz donosa
Beati misericordes nós ouvimos
E — Exulta na victoria gloriosa —

14. Para cima, portanto, nos subimos;
E eu das vozes do Vate cogitava
Colher proveito, em quanto sós nos imos.

15. E, me voltando, assim lhe perguntava:
— « O que Guido del Duca nos dizia,
Quando em bens não partiveis nos fallava? » —

16. « Do seu vicio peor » — tornou — « sabia
Os damnos; não se extranhe, se o accusando,
Do mal, que fazer possa, prevenia;

17. « Porque do mundo os bens vós desejando,
A que partilha todo o apreço tira,
Ande a inveja, suspiros provocando.

18. « Mas, se a esphera immortal vossa alma
aspira,
Levantando-se o anho aquella altura,
Esse temor no peito vos expira.

19. « Tanto mais lá cad'um goza ventura,
Quanto por muitos ella mais se estende,
Quanto mais caridade lá se apura. » —

20. « O entendimento — eu digo — « ora
comprende
Menos do que antes de eu te haver fallado;
A' mente ora mór duvida descende.

21. « Como um bem, que é de muitos partilhado,
A cada possessor dá mais riqueza
Do que se a poucos fôra apropriado? » —

22. — « Teu spirito » — replica — « na rudeza
Das cousas terreaes stando immersido,
Vê trevas onde a luz tem mais clareza.

23. « Esse ineffavel bem, no céu fruido,
Infindo, para o amor correndo, desce,
Qual raio a corpo lucido e pulido.

24. « Se ardor acha mais vivo, mais se
off'rece;
Quanto mais caridade está fulgindo,
Virtude eterna mais sobre elle cresce.

25. « Quanto mais vai a multidão subindo
Mais amar podem, mais a amor se applicam'
Bem como espelho um no outro reflectindo'

26. Se persistindo as duvidas te ficam,
Hasde ver Beatriz: da sabia mente
Razões escutarás, que tudo explicam.

27. « Para apagares, pois, sé diligente
As chagas cinco, que inda em ti stou vendo:
Hade cerral-as contricção pungente. » —

28. Quando eu ia dizer — Mestre comprehendo —
No circulo eis penetro immediato:
Calei-me a vista allucinada tendo.

29. Julgava então, de uma visão no rapto,
Estatico que em templo se mostrava
Multidão grande, de oração no acto.

30. Com piedoso semblante á entrada estava
Meiga matrona. — « Ó filho meu querido,
Porque assim procedeste? — interrogava.

31. «Eu e teu pae, com animo dorido
Te buscamos.» — E como se calara,
Logo a visão fugiu-me do sentido.

32. Depois de outra no rosto se depara
Pranto acerbo, que magoas annuncia
De quem de ira no incendio se inflammara.

33. « Se mandas na cidade » — assim dizia —
« Por cujo nome os Deuses contenderam
E onde a luz da sciencia se irradia,

34. « Pune os braços, que, impios, se atreve-
rem
Pisistrato, a estreitar a filha tua ! » —
Elle a quem vozes taes não commoveram,

35. Tranquillo respondia a esposa sua :
« O que faremos a quem mal nos queira,
Se ira ao amor corresponder tão crua ? »

36. Vi depois multidão que a raiva aceira :
A pedradas mançoço assassinava,
Bradando — morra ! morra ! cárniceira.

37. A dolorida frente debruçava,
Já mal ferido, o martyr para a terra :
Postos ao céo os olhos seus tornava,

38. Pedindo a Deus, naquella horrivel guerra,
Que aos seus perseguidores perdoasse :
Riso piedoso os olhos lhe descerra.

39. Quando em minha alma o extase desfaz-se,
Conheci que no sonho apparecia,
Não da feição mas da verdade a face.

40. Virgilio, a quem talvez eu parccia
Homem, que o somno deixa de repente,
— « Porque estás vacillante? — me inqueria.

41. Tens meia legua andado certamente
Com titubante pé, de olhos cahidos,
Como quem dêsse ao vinho ou somno a
mente. » —

42. — « Vou expôr, meu bom Mestre, aos teus
ouvidos » —
Tornei — « quanto os meus olhos contem-
plaram
Quando os joelhos tinha enfraquecidos. » —

43. — « Se masc'ras cento a face te occul-
taram, » —
Disse Virgilio — « occultos não seriam
Pensamentos, que, ha pouco, te enlevaram.

44. As imagens, que has visto, te induziam
Aguas da paz a receber no peito,
Que as fontes perennaes dos céos enviam.

45. Não perguntara, como quem de feito
Sómente vê por olhos, obcecados
Quando o corpo da morte jaz no leito :

46. « Mas por serem teus pés mais apressados
Excitar assim cumpre os preguiçosos,
Que se esquivam á acção, stando acor-
dados. » —

47. Nas horas vespertinas pressurosos
Andavamos, os olhos alongando,
Do sol cadente aos raios luminosos,

48. Eis, pouco a pouco, um fumo, se elevando,
Se condensa ante nós, qual noite, escuro,
Abrigo alli de todo nos faltando.
A vista nos tolheu, tolhendo o ar puro.

A FESTA DO PARQUE

Havia muito que a imprensa vinha,
de roda do festival que se realizou em
o dia 12 do corrente, no Parque Flumi-
nense, proclamando o exotismo arti-
sta, a requintada esthesia, daquellas
que, com a galanteria gentil, a graça
captivante, a propendencia natural do
sexo, emfim,—acolheriam, como grata
esmola, os obulos da caridade patricia,
em beneficio da associação fundada,
nesta Capital, sob os auspícios de
« Nossa Senhora Auxiliadora ».

A extranheza dos annuncios levou-me
á casa de diversões do Largo do
Machado, onde, num compungimento
beato, pude, como os demais, gosar da
cariciosa dulcidão que resumbrava da
maior, senão totalidade dos quadros,
em que fulgia o esplendor feminino.

Quer a mim, porém, parecer, que
meios outros havia, que não o daquela
ridicula palhaçada, para a sympathica
associação conseguir os humanitarios
fins a que, em boa hora, se propuzera.

Rarissima é a festa de tal ordem em
que se não observe, por parte do femi-
nismo indigena, e sob o pretexto de
caridade que se apregôa, (consequen-
temente não sincera), o prurido futil
de apparecer na elegancia das toilettes
de luxo, afôfadas em maciezas setino-
sas, quando, com a quinta, ou a decima
parte, talvez, do seu custo, poderiam,
no entanto, essas mesmas senhoras,
cobrir a nudez de muito corpo frio,
tiritante, que o negror da miseria
houvesse lançado ao desamparo...

Ao demais, precisamos convir, que
só o facto da escolha de um theatrico.
em que se repurgam indecencias de *ca-
barcts*, para que, nelle, se procurasse
realizar a mais encantadora das vir-
tudes christãs, sob os olhos de uma
multidão que o resgate da senha intro-
duzira em promiscuidade duvidosa,—
precisamos convir, dizia, que tal idéa,
já de si intoleravel, revelou ainda---o
que mais é---a perversão do gôsto.

Nos grandes centros europeus, as
familias costumam organizar, em prol
dos necessitados, *creches*, a que con-
correm, de par com a selecção edu-
cada, a natureza do logar e a simpli-
cidade do trajó.

E tudo isso por quê ?

Unica e exclusivamente pelo sim-
ples motivo de taes beneficios repre-
sentarem a somma de elementos pro-
vindos do aconchego, da intimidade
das boas relações. Uma das muitas
cousas que são escrupulosamente ob-
servadas, é, como disse, a escolha do
local.

Ha salas, salões, theatros parti-
culares, etc., segundo a maior ou me-
nor affluencia dos concurrentes.

Confundir, no espirito do povo, o
alardeamento insensato dos vestidos
de crepe e gase, com a doçura do abri-
go protector, a affeição desinteressada

e pura que aplaca a dor dos pobres,
com a caridade, emfim, é corrompel-o,
é trahil-o: é acirral-o, de arrancada, a
todas as desordens que o egoismo in-
cita; é juntar, aos seus soffrimentos, o
tormento de uma inveja estúpida.

Do mesmo modo que uma religião
sem pudor, sem humanidade, suppõe
uma nação sem costumes, não menos
assim o pavoneio jactancioso, com que
se procura albardar a Fé, dá mostra
de falsa misericordia.

Não basta o parecer virtuoso, mas
sê-o.

Não me consta que, como aqui, e
em presença de meio mundo, a expan-
são caridosa tambem lá se reflecta na
jogralidade alvar de um typo, desen-
gonçando-se numa dansa ethiópica..

Seja tudo por amor de Deus !

Onde está, pois, a Caridade?--- per-
guntarão.

E Paula, a sancta irmã---a Caridade,
feita mulher --- surge-nos, e itão, de
rosto, com a ternura de coração humi-
limo, com a celeste bondade da alma
piedosa, da alma que a eleva ad mise-
ricordioso seio de Deus--- e nos sup-
plica, com as mãos ambas, sem falar:
e, como o soffrimento a espera, eil-a, já
longe, levando nos olhos bons, a can-
dura da lagryma, que é o « Deus lhe
pague » da Esmola...

* * *

O que, porém, mais me causou tris-
tura e pesar, foi essa quasi renúncia da
pudicicia, que cõra á mais branda in-
discreção d'olhar, ao desembaraço
rasgado que mais parece licença.

Sim, porquê, para certas *poses*, (refi-
ro-me aos quadros), mister se torna-
vam taes ou quaes movimentos de
abandono lascivo, de morbidez un-
ctuosa, sem o que lhes prejudicariam,
inteiramente, a beileza de perspectiva
e conjuncto, e a que o natural recato
das nossas senhoritas não devêra
nunca pôr hombros de supporte, antes,
para sempre, metter-lhes entrave.

O irrespeito publico, pelo menos,
exige-o.

Pergunto: Para que, pois, vos ha-
veis de sujeitar á impertinencia dos
que, como eu, não podem ou não sa-
bem comprehender taes excessos de
coragem, ou que melhor nome mereça,
num sexo por sua natureza tímido,
como o vosso ?

Para que ?

Que dirão do vosso festival. Arthur
Azevedo, o implacavel demolidor das
alegrias de Momo, e Severiano de Re-
zende, o abutre dos gallinaceos d'arte,
o espantalho das pipilações lyricas ?
Que dirão elles ?

Lembrai-vos, cariocas meigas, que
Sallusto, o velho Sallusto, descrevendo
Sempronia, uma das mais formosas,
encantadoras deidades do seu seculo, a
censurou, sobretudo, por possuir
aquillo que, hoje, desejais com tanto
ardor e immerecido afan.

Ella cantava e dansava, dizia elle, com muito mais desenvoltura do que a que não conviria a uma mulher honesta; possuia larga mèsse de talentos de tal genero e que eram verdadeiros instrumentos de corrupção.

Psallere, saltare elegantius quàm necesse est probè: multa alia, quæ instrumenta luxuriæ.»

* * *

Fallemos agora do Demosthenes da « Villa Petiote ».

O sr. Affonso Celso, com quem aliás sympathiso, é, na arte oratoria, o que conseguiu ser na arte do verso: frio, desenxabido, banal e corriqueiro.

Não possúe, na phrase dos antigos, a alma triplíce do verdadeiro orador: « *robur et æs triplex: tres torti radios.* »

Pouco imaginoso, cheio de logares communs, s. ex. arrastou-se, penosamente, em considerações d'ordem politica, a que nunca pôde furtar-se, temperando, com um sorriso brincalhão á flor dos labios, a frouxidão das idéas, que se abordoava á inconsistencia da fórma.

Herediou-se a miude, tal quando, em alambazado lyrismo, se lembra, em má hora, de impingir-nos versos.

Não sei mesmo porque, em se tratando do sr. de Celso (s. ex. viajou pela Europa) a lambareira critica se derrêa em mesuras de admiração assaz respeitosa, quando, no entamto, muitos outros de incontestavel merecimento artistico, são, por ella, acolhidos com indifferença e descaso.

Não comprehendendo e nem procurarei sabel-o.

O « dr. Moutinho », a *hilarante* comedia da lavra monarchica de s. ex, não se apresenta ao publico, assim penso eu, como valorosa obra d'arte, dessas que fazem júz, em praça ajardinada ou mesmo sem jardim, á sagração de um bronze.

Não. A gente ri com uma pouca de boa vontade, e suspira, ao fim, com grande gaudio dos órgãos respiratorios...

S. ex., de ha muito, emfim se atemperou ao rancismo dessa arte balôfa, enfermiza, sem idéal, que se amodorra entre os periodos do pieguismo sentimental da « *Minha filha* » e a graciosidade *gauche* das « *Trovas de Hespanha* »...

C. C.

A LIVRARIA

ESTUDOS DE LITTERATURA BRAZILEIRA---
QUARTA SÉRIE---JOSÉ VERISSIMO---
H. GARNIER---EDITOR.

O nome de José Verissimo é um signal de sentido á malignidade. Toda a baixa raiva idiota, que delira na lingua e na penna dos perversos, espuma, lampeja, alastra, num phrenesi

de cólicas, contra a eminencia desse espirito, tão raramente sério, num homem tão singularmente digno.

A farofia, por outro lado, dos « artistas » ginga em cambiantes de escarneo, puxando das suas voluptuosidades, dos seus mordentes idéas de « arte », o carrilhão fanhoso d'algumas injurias, d'algumas pilherias, d'algumas quisilias, que, afinal, não estremeçam, não descontam o nosso critico. Esfusiam, desobrigam gargalhadas, aligeiram indigestões de *blague* e, de resto, veem a verificar o tempo perdido dos « artistas ».

Nesse ponto de vista, que assumem, furiosamente, quasi todos os « novos », e a que eu, com santo horror da classificação, quasi com repugnancia alludo, haveria muito mais que dizer de Sylvio Roméro—o demolidor ou o glorificador, que derruba ou consagra segundo o seu *foguête* de espirito que, no momento, ou leva á Lua o Cruz e Souza, ou afunda na chalaça Eça de Queiroz. Em geral, o nosso historiador litterario não tem meias palavras, não usa meias solas. Ferozmente desillude, escavaca os *aspirantes*, e mesmo os mestres; ou ás carreiras, sem paradas, sem restricções, sem excruciancias de raciocinio, festeja, glorifica, exalta, inappellavelmente, as obras a que elle escorre o seu fulgurante olhar---o seu formilhante olhar de bom que elle é, emfim, para não ver os defeitos até inherentes de todo o trabalho humano. José Verissimo, ao contrario. E' sobrio, commedido, bastante, um abominador ingenito do nosso excesso meridional amantetico, commovente. Verissimo é um resfriado á exuberancia que, entre nós, não leva ao estudo, mas empurra o elogio até ao languido enternecimento da *victima*, ou arma as iras até ás impagaveis allucinações do despeito. Nesse mental, que eu leio e ouço, sentidamente, com carinho, com delicadeza, com a *sympathia* que Carlyle ensina, a vacillação das suas sentenças, onde as agulhantes formigui-nhas da restricção pullulam, é, positivamente, uma denuncia de criterio, que não espirra intolerancia, que accetaria, em ultima analyse, melhor juizo, ou alheio, ou proprio.

E absolutamente sincero, sinceramente elle diz a sua critica.

Si a enuncia, tambem não a discute --- o que, aliás, revela o seu sentimento de dar, apenas, opiniões pessoas, muito suas, coisa que não é da conta de ninguem, e que ninguem, segundo elle pensa, é obrigado, ou convidado a accetar. Além disso, que é o lado mais amavel deste capitulo, os desacertos do critico talvez não tenham desacertos, mediante um espirito que não seja, pelo menos, o do auctor infeliz.

O sr. Verissimo, sabendo-se mortal e, portanto, capaz de errar, não é um

obstinado. Quando erra, ningnem se lhe adeanta em emendar a mão. De sorte que essa virtude --- integrando no espirital essa fascinante qualidade de homem de bem--- seria a sua immunisação contra a ma'vadaz, a injúria, si os esventradores dessas tolices não se assanhassem tão divertidamente.

O facto incontestavel é que o critico, quando desagrada, ha de arrastar, durante todo o seu restinho de vida, um lameiro, manhosamente alastrado, em que, por vezes, tem de escorregar, aclamado, em meio da foguetaria, de *imbecil*, de *tapado*, etc, etc. Nesse volume, que estou a noticiar, ha uma serie de estudos que acirraram, incoercivelmente, todo esse pessoal.

Sobretudo o que, com uma penetração, um conceito, uma razão escintillante, pôz Machado de Assis *à parte* na poesia nacional. De certo, não lêram essas paginas do sr. Verissimo. Ainda pensam, (porque não iêram, como sempre) que mestre Machado subiu ao Parnáso como *primeiro poeta nacional*, eleito pelo sr. Verissimo.

Nada disso, porém, é verdadeiro. Machado é um poeta *à parte* porque tem uma lingua, uma technica, uma philosophia, um certo pudor de idéas, que os outros --- os grandes --- sendo melhores, não trem.

E' só por isso. E não será isso real?

Onde anda o poeta brasileiro que tem na sua lingua, os crystaes, a limpidez, da lingua, do poeta da *Môscã Azul*? E o seu encanto de sobriedade surprehendente, a sua delicadeza idéal de expressão, aquella timidez singular que dirige a sua philosophia, arredando-o da violencia, do estrépito, do barulho?! O sr. Verissimo convenceu-me.

Só não me convence é do que elle prêga sobre os meritos, os grandes meritos do sr. Joaquim Nabuco. um milagre de homem que é politico, escriptor, critico, orador parlamentar, tudo isso melhor que o resto da nossa gente do mesmo officio. Eu quero ser o primeiro a gritar forte orgulho de ser brasileiro com o sr. Joaquim Nabuco. Mas, não chegarei ao destempêro de achar, por exemplo, que « um livro do sr. Joaquim Nabuco, *mesmo uma simples collecção de artigos já publicados, seja sempre um regalo*, porque como escriptor o sr. Nabuco é sempre interessante. » E logo depois, num entusiasmo (improprio á madureza do sr. Verissimo) para com a *fórma* do patricio orador, desvéle um pedaço de um seu manifesto de fé monarchica, (cada vez, como sabem, mais tremenda) em que o sr. Nabuco diz, quando muito, idéas bonitas e ferventes que o extraordinario Ruy já vinha tocando no seu glorioso realejo, num estylo que, não sendo o de un. artista, (porque elle não o é) é, todavia, mais bello, mais energico, mais vibrante.

E como facto, vale a pena dizer

tempo de Affonso Henriques, nem dos bravos de Navas de Tolosa, ou de Aljubarrota.

A decadencia precede á dynastia de Bragança. Um só facto, principalmente, teve acção funestissima e prejudicial sobre as forças da nação. Esse facto actuou e perdurou desde que o guante de Philippe II empolgou-a, até a hora bemdicta da Restauração em 1640. Ora, um povo, escravizado durante 60 annos, tinha perdido as virtudes e energias, que lhe deram supremacia e grandeza, quer nos campos de batalha, quer nas arduas e admiraveis emprezas, que realisaram na Africa, na Asia e na America.

Portugal era já um moribundo, quando d. José I succedeo ao pae — el-rei d. João V. que, antes de empunhar as redeas do governo, havia sido precedido por Affonso VI — um idiota; por Pedro II, homem completamente nullo.

Os historiadores, que atacam dom João VI, passam por aquelles personagens sem lhes dar sequer ligeira attenção, e empregam nimia inexorabilidade em vergastar o neto de d. José.

Nenhum dos historiadores, todavia, arriscou-se a commetter a pequice de encomiar os reinados, que antecederam o do filho de d. Maria I: nenhum ousou affirmar que, duraute esses reinados, não existia decadencia e que o paiz gosava de prosperidade interna e de consideração no exterior: si o tivessem asseverado, a historia lhes daria vehemente, solemne e cabal desmentido.

Lancemos rapidamente uma vista de olhos sobre o estado anterior ao governo de d. João VI para, ao menos, termos um termo de comparação e convencer-mos de que a decadencia do Reino, da qual os historiadores modernos accusam d. João VI, não é um producto do seu governo.

Começando por d. João IV. o beneficiado da revolução de 1640, não se lhe nota outro merito, sinão o de haver figurado --- hesitante --- como campeão da independencia nacional e da restauração da dynastia portugueza--- mais pelos esforços alheios, do que pelos proprios. E' certo que, instigado pelo cardeal de Richelieu para rebelar-se contra a Hespanha, tinha sempre por calculo, ou por prudencia, ou temor. a sabedoria de não expôr-se a perigos e nunca deixava de abster-se de compartilhar de qualquer conspiração, que tentasse despedaçar o terrivel jugo, com que, desde Felipe II, a Hespanha comprimia Portugal. As energias varonis de d. Luiza de Guisman; a sagacidade e patriotismo do dr. Pinto Ribeiro; a coragem heroica de Mathias d'Albuquerque, victorioso em Montijo, derrotando o exercito hespanhol; o impetuoso ardor do Arcebispo de Lisboa, o preclaro d. Rodri-

go da Cunha e de outros portuguezes, foram os principaes factores da revolução, na qual tomou parte, com dedicação, o povo, que queria a independencia e detestava o jugo de Castella. O estado da Europa conturbada por longas e mortiferas guerras; a lucta de França contra a Hespanha, facilitavam a empreitada, que o patriotismo e valor popular desempenharam com galhardia.

O longo periodo do feroz despotismo castelhano e de soffrimento portuguez aggravou e consummou a decadencia nacional, creou e incrementou novas fontes de ruinas por toda parte, desde a metropole até ás colonias da Asia, da Africa e da America.

O duque de Bragança, aclamado em 1.º de Dezembro de 1640---que fez para promover a prosperidade interna e suster o Reino precipitando-se na voragem da ruina? Que praticou para tiral-o do empobrecimento, em que se debatia desde a morte do rei cardeal? Desde a era do despotismo dos Felipe? Nada, ou bem pouco.

Releva notar que — si Portugal recuperou suas colonias; si arrancou o Brasil das garras da Hollanda, deve-o ao esforço de portuguezes e brasileiros — os Fernandes Vieira, Moura Rolim, Vidal de Negreiros, Camarão, Henriques Dias, na Bahia, em Pernambuco e tambem noutras provincias, onde o poder hollandez preponderava. Succedeo o mesmo com as possessões da Asia e da Africa. Durante os 60 annos do regimen philippino parecia plano da politica de Hespanha arruinar completamente Portugal para mais facilmente escravisal-o. Ora, a nação, sahindo de tal ponto que, com annos depois, o Marquez de Pombal comprehendia a urgencia de fazel-a resurgir das profunezas de suas miserias, como fez Lisboa erguer-se dos estragos do terremoto.

Quanto á importancia e consideração, no exterior, não é muito difficil verificar; basta um simples resumo, até porque, nessa epoca, a diplomacia, ainda atrazada e incipiente, não era a *Pythia de Delphos* os seus enigmas decifravam-se.

A guerra dos *Trenta Annos* (1618 a 1648) começada na Allemanha — qual immensa labareda dum incendio alastrava-se pela Europa inteira (3). Originara-se das *secularisações* e do antagonismo dos catholicos e dos protestantes assim como da preponderancia que a casa d'Austria pretendia exercer sobre os outros Estados. A expulsão dos protestantes de Aix-la-Chapelle, a formação da Liga Catholica, sob o influxo de Maximi-

(3) Schiller. Hist. de la guerre de trente ans.

liano, duque da Baviera, a União Evangelica d'Oehringen e varios successos ministravam azo ao começo da diuturna lucta. Esta abrange quatro phases, que nos limitaremos apenas a indicar: 1.ª phase — a *platina* — de 1615 a 1618: 2.ª phase — a *dinamarqueza* — de 1615 a 1629: 3.ª — a sueca — de 1630 a 1635: emfim a 4.ª — a franceza. Nesta ultima a França entrou na contenda, alliando-se com os protestantes allemães e com os da Hungria, da Italia, da Hollanda, da Suissa e da Suecia. De todos os reinos europeus só a Inglaterra, preocupada, provavelmente, com os prenuncios da revolução politica e parlamentar de 1648, ficou es-pectante. Bernardo de Saxe-Weimar apoderou-se da Alsacia. (1638) O Roussillon e a Catalunha rebellam-se contra Felipe IV O Artois é conquistado. (1640).

Neste momento explodiu opportunamente a revolução restauradora de 1640, em Portugal.

O cardeal de Richelieu teceu e dirigio todo o trama da diplomacia, concernente a estes successos, porque assim convinha á sua politica e, morrendo em 1642, legou o mesmo lal ôr: ao seu successor o celebre Mazzarini, que vio as repetidas victorias das armas francezas em Rocroy, Fribourg etc; promoveu a reunião do Congresso de Westphalia, que regulou, principalmente, o estado religioso e politico da Europa por um largo periodo de tempo (4).

No meio desses turbilhões de luctas e de interesses, que embatiam-se, Portugal, restaurando a antiga dynastia de seus soberanos, (Bragança é um ramo d'Aviz, como este é de Borgonha), rompendo as cadeias da escravidão de 60 annos, indubitavelmente precisava ter alliança, que o sustentasse. Ora essa alliança naturalmente lhe foi logo offerecida da parte, a quem interessava crear um inimigo acerrimo, que embaraçasse e hostiliasse a Hespanha, ligada á casa d'Austria; assim que o Cardeal de Richelieu reconheceu immediatamente a independencia e entrou em relações com o rei, aclamado no dia 1 de dezembro de 1640. A politica do Cardeal, ministro de Luiz XIII, era abater a casa d'Austria e a Hespanha, sua alliada. A revolução portugueza fornecia-lhe poderoso e efficaaz auxilio; emquanto os portuguezes absorvessem a attenção e as forças militares da Hespanha, evidentemente a alliança austriaca enfraquecer-se-ia e todas as probabilidades de triumpho seriam para a França.

O prompto reconhecimento da nova dynastia portugueza resultou dessa

(4) Von Meyern-Acta pacis Westphaliae: Bongeant. Hist des guerres et des negotiations, qui precedèrent le Traité de Westphalie;

Voltmann. Hist du Traité de Westphalie.

conveniencia e não do esforço de dom João IV que, em 21 de Janeiro de 1641, nomeou embaixadores, que foram á corte de Luiz XIII. Vê-se que o primeiro rei da dynastia, nem no interior, nem no exterior, elevou-se a grande altura e vamos ainda observar que os seus successores bem poucos fizeram, e na occasião propria reconheceremos que d. João VI, tão acoimado como incapaz, mostrou mais habilidade no governo do paiz, do que os seus predecessores.»

O autor examinou os reinados seguintes até chegar a d. João VI, objecto do seu estudo.

A PROVA

I

« O vasto solar dos Taviras por espaço de vinte annos conservara-se fechado. Era uma construcção do seculo XV, cercada de espessas muralhas como uma fortaleza. Uma torre que o salitre do mar ennegrecêra de todo e onde o vento produzia, em certas noites, ruidos sinistros, dominava-a para o lado do Oceano, até a costa alcantilada e indomita. Pelas suas ameias e bastiões, toques estriulantes de trombetas marciaes resoaram durante porfiados seculos, e nas suas portas chapeadas roçaram armaduras de guerreiros que partiam para longes destinos, em demanda de renome e gloria.

Torquato Tavira era o ultimo successor d'essa geração de bellicosos fidalgos que buscavam a sua origem nos tempos cavalleirescos em que Portugal, apenas firmada a independencia, começava a maravilhar o mundo com um novo fulgor das suas armas, sob o sol fulgente da Africa, onde resplandeciam as suas façanhas.

Já muito antes da construcção do solar, n'esse mesmo lugar, e pelas estradas colleantes de Aracena, de Alconcher e de Serpa, onde cada sulco era um traço de sangue, atravez valles e montes, até além do Guadiana, sanguinolentos combates se haviam ferido, nos quaes os seus ascendentes deixaram, certamente, notas esparsas de instinctiva bravura; só se conhece, porém, ao certo, o desdobrar de sua dynastia, a partir do seculo XV, quando, ao lado de Nun'Alvares, o primeiro Tavira illustrou-se e revestiu-se de glorias nos campos de Aljubarrota.

Mas, decorrido esse tempo—como a inactividade os horrorisava e outra época começara a cobrir de novas glorias o reino,—com as primeiras expedições partiram de Sagres, e foram audazes navegadores como os seus descendentes foram denodados conquistadores. E nos céos ainda incertos da India e da America, quando as quilhas luzitanas eram as unicas a sul-

car esses *mares nunca de antes navegados*,—e por alcandoradas e melancolicas terras de distantes paizes, e por valles sombrios, sob desconhecidos céos, levando no olhar o fulgor das conquistas, tinham adquirido a rispidez e a bravura que transmittiram a subseqüentes gerações.

Esse tempo heroico e magnifico findara, entretanto, e já os avós de Torquato, tendo vivido n'uma época em que a flacidez dos costumes abatia o caracter, foram obrigados, para não deshonnar tão glorioso passado, a deixarem-se arrastar uma existencia inactiva e obscura, entre as velhas paredes do solar heroico. Durante todo esse periodo, ao passo que fidalgos e nobres abandonavam os seus palacios e as suas quintas para se entregarem ás vaidades da côrte, ostentosa e decadente,—a casa mantivera, na rigidez dos costumes, as tradições da estirpe.

Mas, com o fallecimento da esposa (de quem um incidente de honra o privara, mezes antes, enchendo-lhe o coração de profunda desolação e descrença) Torquato resolveu mudar definitivamente de terra. E tendo substituido por um caseiro apenas todos os seus zelosos serviçaes, que despediu nas vesperras de partir, abalou para a capital, n'uma invernosissima manhã, disposto a lá morrer sem mais pizar o chão desse venerando solar, que ao fim de tantas gerações illustres pelo denodo e pela honra, a traição ennodouara. Uma vez em Lisboa, em vez de procurar na corte e nos salões consolação para a sua magua, entregou-se á sólido e ao estudo. Os attractivos da sciencia, especialmente a astronomia, o seduziram: e assim, descrente das fatuidades terrestres — causa da sua deshonna —olveu para o infinito a attenção.

A riqueza dos Taviras, accumuladas durante seculos, faziam de Torquato um dos fidalgos mais abastados do reino: como estrellas em noite de inverno, pairavam sobre elle o interesse dos homens e a sedncção das mulheres. Mas todas as tentações do mundo e da carne passavam-lhe despercebidas, tão ligado tinha o espirito á região bem diversa e distante. Assim, por muitos annos viveu em completo afastamento, e a morte certamente o encontraria nesse severo regimen. si uma dessas fatalidades — cuja explicação é ociosa — não lhe despertasse, de subito, sentimentos de ha muito adormecidos.

Fatigado de perscrutar o infinito, o objectivo de sua lente desceu casualmente, uma tarde, sobre a casa que delimitava com o seu palacete, onde uma joven o fitava, sorrindo, entre dois vasos de flores, n'um balcão de gradis de ferro.

Tanto bastou para que o rigido fidalgo ficasse logo fascinado pela gra-

ciosa belleza da joven. Desde tão singular instante, esse rosto sorridente, esse balcão florido, prenderam-lhe mais a attenção que todos os phenomenos celestes.

Então, uma manhã, ao almoço, como de sua sala de jantar se descortinava todo um lado do predio, que era espaçoso e alto, Torquato, mais ralado de curiosidade, perguntou ao seu escudeiro quem habitava aquella grande casa em frente, cujo jardim tão florido confinava com o seu parque, frontente e sombrio.

O escudeiro disse-lhe que era o senhor d. Rodrigo Solano, fidalgo de muito trato e alta linhagem, descendente de hespanhoes, que a havia comprado mezes antes, e possuia tres filhas, as quaes gosavam da fama de serem muito lindas — mas só a ultima, que se chamava Marina, era solteira.

Torquato, que conhecia d. Rodrigo de nome, ficou radiante; — continuou a almoçar com mais appetite, e esperou mais ancioso ainda a hora em que a joven costumava apparecer á janella de saccadas de ferro, que devia ser a do seu perfumado quarto.

Aquella hora, effectivamente, as persianas se abriam e o rosto claro e gracioso de Marina — que uma blusa cor de rosa mais aclarava e avivava em fulgor — assomou á janella, já o fitando, toda sorridente como nos dias anteriores — e foi encostar-se ao balcão, entre os dois vasos que rescendiam.

Assim, nessa doce e mutua contemplação, deslisaram tardes e mezes — e já Torquato, por sobre o muro do parque entabolára relações com d. Rodrigo, que do lado opposto via com delicia florir as suas roseiras e craveiros, quando uma tarde, mais minado do que nunca no seu coração, resolveu escrever-lhe uma extensa carta, na qual confessava, em phraseado sentimental, o grande amor pela filha. E a terminava, pedindo-lhe a mão de Marina.

A resposta foi rapida e concisa: d. Rodrigo punha n'esse enlace a sua approvação. E o casamento realisou-se com estrepido e pompa, d'ahi a alguns mezes. N'esse tempo, Torquato roçara já pelos sessenta outonos; Marina era quarenta annos mais nova. Era alta e clara. Os seus cabellos, bastos e d'um negro profundo, contrastavam com o verde dos olhos, um verde claro e humido como esmeraldas desmaiadas.

O fidalgo amou-a loucamente. A sua felicidade, que passava por uma dessas phases mais transcendentés, que os psicologos poderiam denominar — periodo extatico do amor — era partilhada entre a contemplação dos planetas e as doçuras do lar. Então, pela noite fóra, quando o seu olhar fatigava-se de aprofundar a vastidão do espaço, perto encontrava sempre, ao

alcance da curiosidade e do desejo, d'entre a maciez de vaporosos tecidos, tão vaporosos como nuvens—um firmamento proximo e tangivel a devasar, onde dois astros verdes brilhavam com mais bri'ho que todos os astros do infinito... Logo, diante d'esses olhos limpídos, raiados de fibrinhas d'um verde mais intenso como radiculas d'uma planta lacustre, o velho fidalgo quedava extasiado: e n'elles transpunha-se a outros mundos, á outra vida... Sentia-se feliz, não obstante as angustias do ciu e terem marcado, desde o inicio, o seu amor.

A idade tornara-o cauteloso e precavido,—e conhecendo pela experiencia do passado quantos perigos envolve uma negligencia---os olhos dos homens estando cheios de seducções e o coração das mulheres sempre prompto para abrigal-as---trazia Marina bem guardada e soberbamente adorada no doce conforto de seu palacete, como preciosa joia em bello escrinio encerrada.

Até as visitas a d. Rodrigo eram feitas pelo interior dos dois jardins, onde mandára abrir, no muro que os dividia, uma porta de communicação. D'esse modo, a existencia de Marina escoava-se tão triste e solitaria como si ella vivesse em um convento. E arrependida de ter-se unido a marido tão severo, por um desvairado amor que não obedecia, nem ás sollicitações da sua idade nem ás exigências do seu temperamento, entregara-se aos poucos á desolação e á descrença.

Já o pae, que raramente sahia, obrigava-a a permanecer semanas e mezes em casa, e como estavam de pouco tempo em Lisboa, e tinha poucas relações, uma das suas distracções consistia em fitar o predio visinho, que era tudo o que se avistava de sua janella, além de arvores e de um pedaço azulado de céu... Todas as tardes, até a hora do jantar, Torquato lia a sua sciencia, sentado no terraço que dava para o lado do quintal de D. Rodrigo. Foi n'uma d'essas occasiões que Marina o conheceu; mas a esse tempo o fidalgo não reparára ainda, embebido na leitura, que tanta juventude e graça acarinhava com meigo olhar a sua velhice e decadencia. As suas preocupações scientificas, o seu ar ascetico passaram desde logo a preocupar o espirito da donzella, que era vaidosa e romantica. E achando-o bello na sua velhice robusta, e sabendo-o rico e nobre—amara-o... Amara-o como se ama a liberdade, pensando menos na felicidade do amor que nos passeios que a attrahiam, nos salões e theatros que a tentavam. Mas o velho. rijo na sua resolução, como um frade de pedra n'uma esquina, depois de possuil-a, guardou-a para contemplação e goso sómente, mais avaro e cioso da sua mocidade e for-

mosura que um avarento do seu oiro.

Sacrificada na sua illusão, Marina não insurgiu-se contra a sorte: acceitou-a em todo o rigor e fez todo o possivel por resignar-se a ella. Esse procedimento alegrára a principio o coração do fidalgo por sentir-se unico dono e senhor absoluto de tão esplendido thesoiro. Mas em consequencia da vida sedentaria que levava, Marina começara de repente a definhar. Em poucos dias não era mais a mesma joven esbelta e forte: na sua cutis fina, a pallidez transparente da cêria ia sumindo rapidamente o antigo rosado, e um leve bistrado azulado sombreava já as suas palpebras, que mais verdes e mais rutilantes tornava os seus olhos, quando o velho fidalgo se apercebeu d'essa rapida transformação; e com o coração alarmado de susto, mandou logo chamar o seu medico, que era dos mais antigos e afamados do reino.

A esse tempo, d. Rodrigo, que tinha paixão pelo mar, por junto d'elle ter nascido e creado-se, achava-se em Alicante, onde a sua filha mais velha casára e residia com o marido e tres filhos, muito unidos e muito loiros, como tres hastes com tres girasões. E das janellas da varanda, olhando as embarações de pesca que partiam ou fazendo barquinhos de papel que os netos puxavam por um fio de linha, d. Rodrigo espairecia o seu tedio de Lisboa, e de todo ignorava a doença de Marina, que por ser a mais nova e a mais formosa, era a mais querida das suas filhas.

No seu quarto, fechado por dentro, —quando o medico diagnosticou em Marina um caso de chlorose, já adiantada, e prescreveu passeios e distracções, o ar das praias e banhos de mar —Torquato sentiu abundante e duplamente o duplo desespero que lhe causavam a enfermidade da esposa e as torturas de tratamento tão penoso para o seu ciueme,

E esse regimen mais torturava-lhe o coração que os riscos da molestia. O ciueme indomavel escaldava-lhe as fontes e alastrava-se colleante qual serpente. pelas suas veias até o coração, que parecia querer saltar-lhe do peito ---só em pensar que outros olhos, ardentes de cubiça, iam envolver aquellas fórmas tão magnificas e tão suas e cada um dos seus gestos; ---e ella, vaidosa e intelligente, comprehenderia e gosaria esses olhares collados nos seus olhos e sobre o seu corpo, e a sua carne joven e sedenta estremeceria de desejo por ver-se tão desejada... E dez dias decorreram, antes de tomar a resolução queurgia. Assim o tempo escoava, e no seu succeder apressado, Marina mais definhava e empallidecia, á semelhança de uma flor que se estiola, á mingua de sol e réga.

O medico não cessava, em cada ví-

sita, de insistir na mudança de ares, tão necessaria ás suas melhoras, e indicára, de preferencia, o clima saudavel e ameno do sul, onde ella podia respirar mais puro ar e viver vida menos reclusa. Ora, justamente nas costas do Algarve, perto de Tavira e mais perto ainda da lepida corrente do Sequa, ficava o solar dos Taviras, que abrigava delicioso pomar e dominava loiras searas de bom trigo e brancas e limpídas praias.

Nesse castello, entretanto, e nos seus arredores, tão cheios de encanto e tradições seculares, occorreram lutuosas scenas da vida de Torquato, que a sua presença de novo iria avivar; ---e o velho fidalgo preferia, certamente, não revolver as cinzas do passado...

Mas depois de muito pensar, abatido pela vigília, tomou de repente a decisão de levar Marina para o solar, onde ella podia mostrar-se a qualquer hora, sem perturbações nem perigos, e o mar lhe proporcionava as distracções de que o seu espirito carecia, e não havia, em toda a redondeza, nem olhares cubiçosos, nem phrases insinuativas, murmuradas de passagem, que a offendessem na sua honra e tentassem na sua carne. Mal tomou essa resolução, expediu logo, na manhã seguinte, criados e artistas para limpar e pintar todo o predio.

E pouco tempo depois, numa tarde perfumada á primavera e toda doirada pelo sol deslumbrante de Maio, os moradores de toda aquella parte da costa viram, surprehendidos, passar na direcção do castello, uma liteira de alu-guel que conduzia um velho de barbas brancas e uma joven senhora, assás formosa na sua pallidez nevada, toda de preto vestida e envolta em longa capa bordada.

ANFILOQUIO MARQUES
(Continúa.)

ENJÓO DO MAR

O embaixador italiano em Washington sentindo-se enjoado, numa das travessias do Atlantico, buscou um espelho para examinar o rosto, e notou que os symptomas do terrivel mal desappareciam á proporção que elle se mirava. Maravilhado com esse resultado, ensinou o remedio aos companheiros de viagem e, dentro em pouco, não havia a bordo um só passageiro enjoado.

Remedio efficaç e curioso.

O ENSINO NA SUISSA

Na Suissa, os paes são punidos pela falta dos filhos á escola, com multas que, nas reincidencias, augmentam sempre em dôbro. No caso de molestia, o alumno é desculpado. Quando se suspeita alguma fraude, um medico vae visital-o e no caso affirmativo, o pae, além da multa, paga a visita.

* * *

Um americano de City Falls, em Nebraska recebeu um legado de 40:000\$; mas outros parentes, tanto o importunaram para que lhes coubesse parte do legado, que o homem alugou uma carruagem e passeou pelos bairros pobres da cidade distribuindo moedas de ouro, até esgotar aquella somma.